

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**DANIELA SCHMITZ**

**ANÁLISE DOS IMPACTOS DA REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA DOS ANOS 1990  
NO SEGMENTO TÊXTIL MODA PRAIA NO MUNICÍPIO DE ILHOTA - SC**

**FLORIANÓPOLIS, 2017**

**DANIELA SCHMITZ**

**ANÁLISE DOS IMPACTOS DA REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA DOS ANOS 1990  
NO SEGMENTO TÊXTIL MODA PRAIA NO MUNICÍPIO DE ILHOTA - SC**

Monografia apresentada ao curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Ciências Econômicas.

**Orientador: Prof. Dr. Lauro Mattei**

**FLORIANÓPOLIS, 2017**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

A banca examinadora resolveu atribuir a nota 9,0 à aluna Daniela Schmitz na disciplina CNM 7107 – Monografia, pela apresentação deste trabalho.

Banca Examinadora:

---

Prof. Lauro Mattei, Dr.  
Orientador

---

Prof. Hoyêdo Nunes Lins, Dr.  
Membro da Banca

---

Prof. Valdir Alvim da Silva, Dr.  
Membro da Banca

*Dedico este trabalho à minha família.*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a todas as energias positivas que me iluminaram ao longo do desenvolvimento desse trabalho.

Aos meus pais, pela vida, e por serem exemplo de força e persistência. Obrigada pelo apoio e incentivo aos estudos.

Agradecimento especial à minha irmã, meu cunhado e meus dois sobrinhos, que me receberam de braços abertos e me acolheram em Florianópolis, tornando minha vida mais agradável, através de conversas após dias cansativos de provas, e por aguentarem meu desespero quando tirava uma nota baixa ou ficava em recuperação. Ao meu cunhado também pelas trocas de conhecimento que contribuíram para meu trabalho.

Agradeço também aos meus irmãos, pelo auxílio para a obtenção de dados e informações.

Agradeço ao meu namorado, que me acompanhou toda a minha trajetória universitária. Fornecendo-me suporte e apoio desde o meu ingresso na Universidade Federal de Santa Catarina em 2012 até a conclusão deste trabalho. Obrigada pelo suporte emocional e pela contribuição lendo meu trabalho e apontando o que poderia ser melhorado.

Agradeço aos meus poucos e bons amigos, aos que fiz dentro da Universidade como aos amigos de outras datas. Em especial duas amigas, que conheci no primeiro semestre do curso e levarei para a vida. Obrigada as duas pela ajuda, tanto na obtenção dos dados como um ombro para chorar.

Agradeço também ao professor e orientador Lauro Mattei, por me dar a oportunidade de fazer parte do Núcleo de Estudos de Economia Catarinense – NECAT, local onde me apaixonei ainda mais pelo estado de Santa Catarina e pelos estudos em Economia Regional. Aprendi muito nesses três anos em que estive lá, e serão ensinamentos que levarei sempre comigo.

Agradecimento especial àqueles que me concederam as entrevistas, principalmente aos empresários do município que se dispuseram em repassar informações, e à população local do município de Ilhota.

E por fim, não menos importante agradeço a oportunidade de estudar na Universidade Federal de Santa Catarina, que deixará eternas saudades. E aos bons professores que tive no curso de Economia, que contribuíram para a minha formação. Agradecimento também a alguns professores que tive em disciplinas de outros cursos, e que marcaram minha trajetória com seus ensinamentos.

*És a terra que os belgas fundaram, foste o berço que embalou meus pais, és o vale que os santos acharam, ficaram e não te esquecem jamais.*

*Sempre fosses a nossa esperança, lindo vale de encantos mil, és o sonho de nossas lembranças, és um pouco do nosso Brasil.*

*José Izidro Vieira*

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo fazer uma análise da decorrência do processo de reestruturação produtiva como impulsionador do segmento moda praia e moda íntima no município de Ilhota em Santa Catarina. Na década de 1990 a abertura da economia e a entrada massiva de produtos estrangeiros no Brasil afetaram o setor têxtil brasileiro de forma geral, refletindo, sobretudo, no Vale do Itajaí, região que possui grandes e sólidas indústrias têxteis. Foram necessárias medidas para as empresas se adequarem aos novos padrões de produção e, portanto, realizaram-se investimentos em máquinas e equipamentos como forma de reduzir custos e melhorar a qualidade dos produtos. Esses investimentos resultaram em menos mão de obra para operar as máquinas, ocasionando um enorme contingente de mão de obra desempregada. Nessa década muitos trabalhadores do município de Ilhota se deslocavam todos os dias para trabalhar nessas grandes indústrias de Blumenau, e por consequência muitos foram demitidos. O momento serviu de impulso para a mão de obra desempregada do município passar a investir no segmento moda Praia e moda Íntima, visto que havia algumas poucas confecções desse ramo em Ilhota. Esses investimentos resultaram no crescimento econômico do município, com a abertura de muitas confecções e geração de empregos. Em 2002 o município recebeu o título de Capital Catarinense de Moda Íntima e praia, e hoje se destaca no mercado nacional.

**Palavras-chave:** Reestruturação Produtiva; Setor têxtil; Ilhota.

## ABSTRACT

This paper aims to analyze the evolution of the productive restructuring process as a promoter of the Beach Fashion and Intimate Fashion segment in the municipality of Ilhota in Santa Catarina. In the 1990s, the opening of the economy and the massive entry of foreign products into Brazil affected the Brazilian textile sector in general, reflecting mainly in the Itajaí Valley, a region with large and solid textile industries. Measures were needed for companies to adapt to new production standards and therefore investments were made in machinery and equipment as a way to reduce costs and improve product quality. These investments resulted the need for less manpower to operate the machines, resulting in a large contingent of unemployed manpower. In this decade many workers from the municipality of Ilhota moved every day to work in these large industries of Blumenau, and consequently many were dismissed. The moment served as an impulse for the unemployed workforce of the municipality to start investing in the Beach Fashion and Intimate Fashion segment, since there were a few confections of this branch in Ilhota. These investments resulted in the economic growth of the municipality, with the opening of many clothing manufacturers and job creation. In 2002 the municipality received the title of Catarinense Capital of Beach and Intimate Fashion, and today stands out in the national market.

**Keywords:** Productive Restructuring; Textile sector; Ilhota.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Balança comercial de produtos têxteis no Brasil - 1990 a 2001 .....	33
Figura 2 - Zona de colonização alemã no Vale do Itajaí - Santa Catarina.....	37
Figura 3 - Localização geográfica do município de Ilhota no estado de Santa Catarina .....	54
Figura 4 - Crescimento populacional entre Ilhota e Santa Catarina (1990-2017*).....	65
Figura 5 - Representatividade dos trabalhadores da fabricação de produtos têxteis e confecção de artigos de vestuário na Indústria total no município de Ilhota –SC. (1995-2015).....	70
Figura 6 - Participação do setor têxtil e confecções nas exportações totais da balança comercial do município de Ilhota – SC (2006-2016) .....	74

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Balança Comercial Brasileira - 1990 - 2000. (US\$ Milhões).....	26
Tabela 2 - Alíquotas de Importação de Produtos Têxteis – 1986 a 1992. (Valores em %).....	28
Tabela 3 - Número de Empresas por Segmento de Atuação da Indústria Têxtil.....	30
Tabela 4 - Número de empregados no ramo têxtil brasileiro por segmento – (1992-1999).....	31
Tabela 5 - Importações de artigos de vestuário no Brasil. (1990 - 1997) (US\$ Milhões).....	34
Tabela 6 - Indicadores referentes às indústrias têxteis no Vale do Itajaí* - 1990-2000.....	46
Tabela 7 - Exportações da indústria têxtil e vestuarista no Vale do Itajaí. 1990-2000.....	47
Tabela 8 - Desempenho da indústria têxtil e vestuarista do Vale do Itajaí - 1990-2000.....	49
Tabela 9 - Ano da fundação e segmento das indústrias pioneiras .....	60
Tabela 10 - População dividida entre área urbana e área rural do município de Ilhota – SC (1980-2010).....	64
Tabela 11 - Evolução do Número de Estabelecimentos por segmento do setor têxtil no município de Ilhota segundo Divisão CNAE (1990-2015).....	66
Tabela 12 - Evolução do Emprego Formal por segmento do setor têxtil no município de .....	68
Tabela 13 - Balança Comercial de Ilhota – SC. (Em US\$ FOB).....	73

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

BRDE	Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul
CAGED	Cadastro Geral de Empregados e Desempregados
DELAMIP	Desfile de Lançamento das Modas Íntima e Praia
FIESC	Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MDIC	Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços
MTE	Ministério do Trabalho e Emprego
PIB	Produto Interno Bruto
PME	Pequenas e Médias Empresas
RAIS	Relação Anual de Informações Sociais
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

## SUMÁRIO

1. TEMA E PROBLEMA DE PESQUISA.....	13
1.1 INTRODUÇÃO.....	13
1.2 OBJETIVOS.....	16
1.2.1 Objetivo Geral.....	16
1.2.2 Objetivos Específicos.....	16
1.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	17
1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO.....	19
2. REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E SEUS DESDOBRAMENTOS NO SETOR TÊXTIL BRASILEIRO.....	20
2.1 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DA REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA OCORRIDA NOS ANOS 1990 NO BRASIL.....	20
2.2 A REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA NO SETOR TÊXTIL BRASILEIRO.....	27
3. A REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA OCORRIDA NOS ANOS 1990 E OS IMPACTOS NA INDÚSTRIA TÊXTIL E VESTUARISTA NA REGIÃO DO VALE DO ITAJAÍ.....	36
3.1 A COLONIZAÇÃO DO VALE DO ITAJAÍ.....	36
3.2 SETOR TÊXTIL DO VALE DO ITAJAÍ.....	40
3.2.1 Breve exposição da trajetória da indústria têxtil (1950 - 1980).....	40
3.2.2 A crise da indústria têxtil pós 1980.....	42
3.3 REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA NOS ANOS 1990.....	43
4 O DESENVOLVIMENTO DO SETOR TÊXTIL NO MUNICÍPIO DE ILHOTA À LUZ DO PROCESSO DE REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA OCORRIDA NO VALE DO ITAJAÍ.....	53
4.1 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DA COLONIZAÇÃO DE ILHOTA E AS PRINCIPAIS ATIVIDADES ECONÔMICAS DO MUNICÍPIO.....	53
4.1.1 Localização geográfica e colonização.....	53
4.1.2 Estrutura econômica do município de Ilhota.....	55
4.2 SURGIMENTO DO SEGMENTO MODA PRAIA E MODA ÍNTIMA NO MUNICÍPIO DE ILHOTA.....	57
4.3 DESENVOLVIMENTO E CONSOLIDAÇÃO DO SEGMENTO MODA PRAIA E MODA ÍNTIMA DE ILHOTA A PARTIR DE 1990.....	59
4.4 ANÁLISE DOS DADOS SOBRE MUNICÍPIO DE ILHOTA E SOBRE SEGMENTO MODA PRAIA E ÍNTIMA (1990-2016).....	63

4.4.1 A dinâmica populacional local.....	63
4.4.2 A evolução do número de estabelecimentos e do mercado de trabalho do setor têxtil....	65
4.4.3 O comércio do município de Ilhota .....	71
4.4.4 A balança comercial do município e o mercado externo .....	72
4.5 PERSPECTIVAS DO SETOR.....	75
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	77
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	80

## 1. TEMA E PROBLEMA DE PESQUISA

### 1.1 INTRODUÇÃO

Na década de 1990 o Brasil vivenciou significativas mudanças na economia. Foi um período marcado por um novo regime de comércio sob a ótica da globalização, na qual a abertura da economia nacional interrompeu o curso protecionista, e como consequência, houve a necessidade de reestruturação produtiva em diversos setores produtivos.

Este processo de reestruturação produtiva, caracterizado por ser um sistema de produção voltada para a modernização dos processos produtivos e tecnológicos se intensificou no Brasil em decorrência da abertura comercial brasileira. Tal medida foi adotada pelo governo como forma de inserir a economia nacional no comércio globalizado, reduzindo gradativamente o grau de proteção da indústria.

O país que até então era baseado em uma política de substituição de importações e proteção da indústria nacional foi exposta à competição internacional. Medidas como a liberalização do comércio e a interrupção do processo de substituição de importações no início dos anos 1990, inseriram o Brasil em uma acirrada disputa frente ao mercado mundial.

Diante disso, as indústrias nacionais não mediram esforços em se adaptar aos novos paradigmas de modernização, através de melhorias nos processos produtivos e tecnológicos. Houve redução nas alíquotas de importação, o que facilitou e possibilitou as indústrias a importarem máquinas e equipamentos intensivos em tecnologia, objetivando a redução de custos, aumentando a produtividade e melhorando a qualidade, para se adequar ao novo padrão de competitividade internacional, abandonando assim, o antigo padrão.

A situação agravou a partir das medidas implementadas através do Plano Real em 1994. A valorização da moeda brasileira frente ao dólar seduziu o mercado consumidor brasileiro a adquirir produtos advindos do exterior ocasionando um forte aumento das importações. Isso intensificou ainda mais a concorrência, provocando déficits na balança comercial.

Neste cenário, nota-se que o complexo têxtil-vestuário brasileiro, não ficou imune aos efeitos das mudanças ocorridas na década de 1990. O crescimento das importações aliado à apreciação cambial afetaram a balança comercial deste setor, levando assim a uma trajetória em declínio. (LOMBARDI, LINS, 2001). Foram necessárias estratégias defensivas por parte das indústrias diante dos desafios, por se tratar até então de um setor que contava com forte protecionismo. (DIEESE, 1996)

Segundo Gorini (2000), a indústria têxtil nacional se desenvolveu a partir do processo da “internalização” de toda cadeia produtiva., até então era um mercado considerado imune a produtos estrangeiros. Porém, perante aos desafios impostos pela abertura da economia e agravado com as medidas de estabilização propostas pelo Plano Real, dificuldades como a perda de competitividade no mercado interno e nas exportações afetaram o setor de forma geral.

Por um lado, se este processo de abertura da economia propiciou facilidades para a importação de máquinas e equipamentos intensivos em tecnologia, por outro, a entrada de produtos provenientes principalmente do Sudeste da Ásia, causou certa incerteza por parte das indústrias em investir na inovação. Este foi um dos fatores responsáveis pela queda acentuada no número de empresas e, por consequência, pelo elevado número de demissões. (PAVÃO e CAMPOS, 2010).

Os segmentos da cadeia produtiva têxtil que compõem o setor foram afetados de diferentes formas diante do quadro econômico. Na primeira metade da década de 1990 o país presenciou uma queda na quantidade de empresas dos ramos da fiação, tecelagem, malharia e acabamento têxtil, além da diminuição na produção do algodão, que mesmo sendo mais barato no Brasil, havia mais vantagens em se adquirir no exterior, como juros mais baixos e prazos maiores para pagamentos. Já na segunda metade da década de 1990 quem presenciou encolhimento nas vendas foi o setor de vestuário (LINS, 2000).

Essa situação não foi muito diferente na Mesorregião do Vale do Itajaí em Santa Catarina, polo têxtil catarinense, que é considerado o segundo maior polo deste segmento no Brasil. (FIESC, 2014). Este setor apresenta grande relevância para a economia estadual e nacional, possuindo elevado número de empresas, larga produção e alto índice de mão de obra empregada.

No início da década de 1990, o setor têxtil era o segundo maior exportador do estado, sua participação girava em torno de 15% no valor total, porém em 1996 sua posição já havia caído para 4°. (SULZBACH, 1998).

Segundo Goularti Filho (2007), foi o setor mais atingido no estado diante da abertura comercial e a política de sobrevalorização. Houve estabilização da produção, queda nas exportações e diminuição do número de empregos. Essa retração causou maior impacto nas grandes empresas, as empresas que prevaleceram nas atividades têxteis e vestuaristas da região, principalmente em fábricas de tecido, fiação e tecelagem no início dos anos 90, e no segmento do vestuário a partir de 1995. Ficando na sua grande maioria as de pequeno porte, fazendo com que o emprego fosse ainda mais reduzido no setor.

Assim como no Brasil, as máquinas e equipamentos do ramo têxtil catarinense eram de antigas tecnologias. Grande parte contava com uma defasagem tecnológica e, portanto, eram necessárias estratégias para driblar os impactos da abertura, acelerando o processo de modernização, perante a intensificação de produtos asiáticos no mercado nacional.

Combinaram-se tentativas de reestruturação a partir da modernização tecnológica e organizacional, principalmente partindo das grandes firmas, além da transferência das etapas dos processos produtivos para capacidades externas, como as micro e pequenas empresas recém-criadas, geralmente facções industriais e domiciliares. (GOULARTI FILHO, 2007; LINS, 2001).

Apesar de a abertura comercial ter afetado de diferentes maneiras as empresas têxteis-vestuaristas da Mesorregião do Vale do Itajaí, alguns segmentos não foram fortemente afetados, dentre eles a produção de “Moda praia e Moda íntima”, que segundo Lins (2000, p. 80, 81) “trata-se de segmento aparentemente protegido da concorrência dos importados”. Algumas razões para ser protegido da concorrência seria que a modelagem, design e gostos mudam de um país para outro, diferentemente de outros segmentos que acabam seguindo o mesmo padrão. O município de Ilhota que pertence ao Vale do Itajaí possuía na época pequenas confecções nesse segmento, e o processo ocorrido na região acabou por impulsionar o crescimento e desenvolvimento do segmento Moda Praia e Moda Íntima no município.

Tendo em vista esses elementos, o objetivo será avaliar como esse processo que ocorreu na década de 1990 se configurou no setor têxtil-vestuário catarinense, enfatizando o segmento específico de “moda praia e moda íntima” e tendo como referência o município de Ilhota, que ostenta o título de Capital Catarinense de Moda Praia e Moda Íntima desde 2002, busca-se compreender, ainda, como este segmento deu ao referido município uma nova perspectiva, particularmente em termos do crescimento econômico e social.



## 1.2 OBJETIVOS

### 1.2.1 Objetivo Geral

Analisar o comportamento da indústria têxtil, setor Moda Praia e Moda íntima do município de Ilhota, no contexto pós Reestruturação Produtiva da década de 1990.

### 1.2.2 Objetivos Específicos

- a) Analisar o processo de reestruturação produtiva e abertura comercial na década de 1990 e seus efeitos sobre a indústria têxtil no Brasil;
- b) Caracterizar o desenvolvimento e expansão da indústria têxtil ao Vale no Itajaí, destacando os impactos da reestruturação produtiva nesta região;
- c) Analisar a evolução do segmento têxtil “Moda Praia e Moda Íntima” do Município de Ilhota a partir do processo de reestruturação produtiva ocorrida na indústria têxtil do Vale do Itajaí;
- d) Analisar a participação desse setor na economia local e seu papel determinante no desenvolvimento econômico e social do município à luz desse setor.

### 1.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo se aproxima de uma pesquisa descritiva, na qual exige uma série de informações sobre o que se pretende pesquisar. (GERHARDT e SILVEIRA apud TRIVINÕS, 1987), e “Tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis”. (GIL, 1989, p. 45).

A pesquisa explicativa segundo Gil (1989) pode ser a continuação de uma pesquisa descritiva, pois tem como objetivo identificar fatores que determinaram e/ou contribuíram para a ocorrência de fenômenos. Dessa forma pode-se considerar que este trabalho se aproxima de uma pesquisa descritiva e explicativa, pois tem como principal objetivo conceituar e descrever as transformações econômicas ocorridas nas décadas que se aproximam do final do século XX, como o processo de abertura da economia brasileira e abordar os efeitos destas transformações na Mesorregião do Vale do Itajaí no estado de Santa Catarina e os reflexos no Município de Ilhota.

Para se alcançar os objetivos propostos pelo estudo, utilizou-se de maneira geral de características quali-quantitativas. Qualitativas através da observação e avaliação dos reflexos que o fenômeno da reestruturação produtiva trouxe de impactos sobre o País em um nível macro, trazendo para o setor têxtil no Vale do Itajaí e seus municípios, dentre eles Ilhota. Quantitativas por meio de análises de dados estatísticos capazes de fundamentar e embasar o trabalho como dados do mercado formal de trabalho buscados na Relação Anual de Informações Sociais – RAIS e dados do Ministério da Fazenda do Estado.

O estudo utiliza de maneira geral de métodos históricos através da observação de acontecimentos do passado e seus impactos sobre os fenômenos atuais. Aspecto comparativo que se fundamenta na ideia de verificar o grau de similaridades e diferenças entre aspectos vivenciados no passado e no momento presente, bem como utilização do método estatístico que busca através da redução dos fenômenos socioeconômicos ao parâmetro dos números de maneira a auxiliar na interpretação dos acontecimentos (LAKATOS; MARCONI, 2011).

Para Gil (1989) a pesquisa bibliográfica se utiliza de materiais já elaborados, como livros e artigos científicos, além de teses e dissertações, na qual descreveram conceitos e acontecimentos passados, demonstrando suas vantagens a partir da observância de um maior número de fatores que a pesquisa direta. Assim, na realização do primeiro objetivo, buscou-se demonstrar os principais aspectos da conjuntura político econômica dos anos 1990 no País

que levaram o Brasil a passar por um processo de abertura comercial e posterior reestruturação produtiva e seus impactos sobre o setor têxtil a partir de um levantamento bibliográfico teórico, utilizando-se de pesquisas feitas em livros, teses, dissertações, artigos científicos.

O segundo objetivo foi elaborado através de levantamento bibliográfico e documental, utilizando-se de livros, teses, dissertações capazes de situar e descrever os impactos desta reestruturação sobre o polo têxtil vestuário existente no Vale do Itajaí, Santa Catarina. Empregou-se o uso de dados estatísticos captados em livros e fontes governamentais capazes de auxiliar na compreensão e melhor visualização das modificações observadas neste período neste setor na região.

O Terceiro objetivo foi realizado uma pesquisa bibliográfica e documental, junto às bibliotecas da região, especialmente da Universidade Regional de Blumenau – FURB, e a Biblioteca da Escola Marcos Konder no município de Ilhota, visando buscar fontes locais que auxiliassem em uma melhor compreensão das características socioeconômicas do município de Ilhota. A partir de uma análise pontual, buscou-se constatar como reflexos da reestruturação produtiva na região tiveram seus efeitos na instalação e desenvolvimento de um polo de moda praia e moda íntima no município.

Para a realização do quarto objetivo foram realizadas pesquisas tanto bibliográfica como levantamento de dados, junto à Secretaria de Indústria, Comércio e Turismo do município de Ilhota, além pesquisa de campo através de entrevistas com empresários do ramo de confecções de Ilhota. O levantamento de dados ocorreu também através de dados coletados no Relatório Anual de Informações Sociais - RAIS, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior – MDIC.

#### 1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO

Este trabalho está dividido em cinco capítulos, a começar por este, na qual é abordada a introdução do trabalho, o objetivo geral e os objetivos específicos, justificativa e metodologia utilizada.

O segundo capítulo faz uma breve revisão das transformações econômicas ocorridas em meado dos anos 1990, dentre eles a globalização e a abertura da economia brasileira, e por consequência o processo de reestruturação produtiva devido ao surgimento de novos paradigmas produtivos e tecnológicos, dando ênfase ao setor têxtil brasileiro.

O terceiro capítulo descreve o processo de colonização da Mesorregião do Vale do Itajaí, e sua consolidação no ramo têxtil e vestuarista na metade do século XX, até a crise ocorrida no setor advindo da abertura da economia e a necessidade de reestruturação produtiva.

O capítulo quatro aborda o surgimento do segmento Moda Praia e Moda Íntima no município de Ilhota, que pertence a Mesorregião do Vale do Itajaí, e os reflexos da reestruturação produtiva no município, contribuindo assim para o fortalecimento da economia local e consolidação do segmento. Por conseguinte, é realizada a análise de dados e informações relacionadas à economia de Ilhota, especialmente do setor têxtil e confecções.

Por fim, no quinto capítulo serão apresentadas as considerações finais desse trabalho.

## **2. REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E SEUS DESDOBRAMENTOS NO SETOR TÊXTIL BRASILEIRO**

Este capítulo apresenta o debate sobre o processo de abertura comercial, processo esse vinculado ao tema da globalização que teve reflexos na América Latina no início da década de 1990. Em meio a esses acontecimentos a indústria brasileira passou por transformações, destacando-se o aumento da concorrência a partir da entrada de produtos de outros países. Ao mesmo tempo em que as importações se intensificaram, afetando gradativamente a indústria nacional, na qual colocou em questão a produção no Brasil.

Pretende-se a partir desta abordagem compreender de que maneira o processo de abertura comercial afetou o setor têxtil brasileiro, o qual passou por uma reestruturação produtiva, sobretudo no polo têxtil catarinense, localizado na Mesorregião do Vale do Itajaí.

### **2.1 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DA REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA OCORRIDA NOS ANOS 1990 NO BRASIL**

O termo globalização se intensificou em meados da década de 1980 impulsionado pelo desenvolvimento de inovações, principalmente nas áreas de comunicação e melhorias no sistema de transportes, permitindo assim, o crescimento de interdependência entre os países, seja ela através de relações políticas, sociais e econômicas, seja através da redução de barreiras comerciais, possibilitando assim uma maior eficiência no processo de transferência de mercadorias de um continente para o outro. (LAGES, 1998; ANTONIO, 2012)

Prado (2003) define a globalização como o “processo de integração de mercados domésticos, no processo de formação de um mercado mundial integrado” (p.4). A partir destas definições pode-se analisar a integração brasileira no contexto mundial ocorrida no final do século XX, baseada então, nos moldes da globalização.

Em 1980 a taxa de crescimento média da economia nacional era baixa, enquanto a indústria se encontrava estagnada e atrasada tecnologicamente. Nesse período o mercado mundial passava por transformações e adotava um novo modelo de produção, baseado em novas tecnologias e um novo formato de organização industrial.

O Brasil foi, por pelo menos quatro décadas, representado pelo modelo desenvolvimentista<sup>1</sup> na qual sua economia era baseada na substituição de importações, que

---

<sup>1</sup> O governo desenvolvimentista tinha como um de seus principais objetivos promoverem incentivos às empresas nacionais, e o protecionismo da mesma contra a competição do mercado externo.

objetivava o protecionismo da indústria nacional em prol da industrialização. (SANTOS, 2009). Porém, com o propósito de integração na nova ordem mundial e alteração do antigo regime de comércio, o processo de abertura comercial se instaurou no Brasil a partir de 1988, quando os primeiros remodelamentos começaram a ser colocados em prática. Nesse mesmo ano, “foram eliminados os controles quantitativos e administrativos sobre as importações e foi proposta uma redução tarifária sobre importação e exportação, que foi posta em vigor em 1990”. (ANTONIO, 2012, p. 48)

A redução de barreiras não tarifárias foi uma das primeiras medidas adotadas no processo de liberalização comercial, na qual se permitia a importação de determinados itens, reduzindo aos poucos o grau de proteção da indústria nacional. No primeiro momento esta redução permitiu alguns setores da indústria a importarem bens de capital modernos e providos de tecnologia. (LOMBARDI, 2007)

O processo de abertura foi intensificado a partir de 1990 através do Governo Collor que, além do seu plano de privatizações, instituiu também uma nova política de comércio e direcionou o país ao regime de liberalização. Essa medida de liberalização tomada pelo governo desestruturou inúmeros segmentos produtivos do país, ocasionando gradativamente uma substituição de produtos nacionais pelos importados.

Segundo Fernandes (1977, p. 77) “o governo previa uma redução progressiva dos níveis de proteção tarifária e uma exposição planejada da indústria brasileira à competição internacional”. O intuito era que a entrada de produtos e empresas estrangeiras impulsionasse o desenvolvimento da indústria nacional através da adoção de novas formas de produção e melhoramento da qualidade. Portanto:

“O governo Collor também foi marcado por profundas mudanças na política de comércio exterior, uma vez que, simultaneamente à adoção do câmbio livre, intensificou-se o programa de liberalização da política de importações, que havia tido início ao final dos anos 80”. (CASTRO, 2005, p. 137)

Com a adoção do câmbio livre e a redução de alíquotas de importação, a balança comercial brasileira foi afetada. Segundo Lombardi (2007), os produtos nacionais sofreram aumento e perderam competitividade perante os estrangeiros. Essa nova política de comércio exterior adotada pelo governo, provocou um considerável aumento nas importações brasileiras e, portanto, um aumento da pressão competitiva. (LINS, 2000; CASTRO, 2001)

As indústrias nacionais, que até então estavam acomodadas no sentido de realizar investimentos com modernização dos processos produtivos e gerenciais, se viu acuada perante a abertura que aconteceu de forma apressada. Acostumados com o protecionismo, as

indústrias não estavam preparadas para lidar com a pressão da concorrência internacional, o que levou a necessidade de uma reestruturação produtiva. (SIEBERT, 2006)

Para Jinkings (2002), a redução das alíquotas de importação limitou o mercado brasileiro no consumo do produto nacional diante da entrada de produtos estrangeiros no país e restringiu a competitividade do Brasil no mercado estrangeiro. Foi neste cenário que muitas empresas nacionais passaram por um processo de reestruturação produtiva para enfrentar a concorrência externa, culminando na adoção de novos processos produtivos e organizacionais, redução no número de empresas que não possuíam recursos para se adequar aos novos padrões, e enxugamento na força de trabalho.

Segundo Gomes (2011, p. 61) “O processo de reestruturação produtiva intensifica nos anos 1990 por dois fatores: crise econômica no mercado interno e pela política de abertura adotada pelo governo Collor”. Portanto, acompanhando as mudanças econômicas que estavam ocorrendo no país e seguindo os novos padrões de competitividade internacional, as empresas foram levadas a buscarem inovações e estratégias de produtividade e qualidade para fazerem frente à concorrência internacional.

Muitas empresas adotaram o programa lançado pelo Governo em 1990, o PBQP (Programa Brasileiro de Qualidade e Produtividade). O objetivo deste programa era alcançar a modernização das indústrias, como forma de inseri-las no mercado globalizado. (GOMES, 2011)

Castro (2001) expõe três condutas adotadas pelas empresas brasileiras perante o novo quadro econômico:

- Continuidade do processo de reestruturação a partir da adesão de métodos de produção e gestão mais eficientes e modernos;
- Aumento no número de importações de novos equipamentos e insumos visando modernizar e diversificar a produção;
- Deslocamento das fábricas para áreas com acesso a matéria prima e mão de obra mais baratas, além da busca por melhores infraestruturas e vantagens fiscais.

Estas três reações foram maneiras encontradas pelas indústrias brasileiras para se adaptarem as novas exigências e continuarem competindo no mercado. Melhorias nos métodos de produção foram possíveis a partir da importação de novos equipamentos, aliado à uma gestão mais eficiente exigida pelo novo padrão de concorrência mundial.

Esses equipamentos e insumos proporcionavam uma diversificação da produção capacitando as indústrias nacionais a competirem com o mercado externo. Houve também um

forte aumento do deslocamento de plantas produtivas buscando mão de obra mais barata, para assim reduzir seus custos e não perder fatias de mercado.

Porém, o que se observou é que melhorias, principalmente na produção, gestão e aquisição de máquinas e equipamentos modernos, partiram inicialmente apenas por parte das grandes indústrias. As pequenas e médias empresas foram as que mais tiveram dificuldades para se adaptar à nova situação econômica devido aos altos investimentos em tecnologia, necessários, a competição com as indústrias locais de maior dimensão, e a entrada dos produtos estrangeiros mais baratos.

Silva (2003) ressalta algumas das principais mudanças ocorridas nas empresas, cujo objetivo foi aumentar a qualidade e competitividade de seus produtos no mercado interno e externo, dentre elas trabalhar com a redução dos estoques, caso instabilidades econômicas venham causar prejuízo às empresas. É uma forma de racionalizar a produção e vendê-la de acordo com a demanda. Outra alternativa adotada foi a descentralização da produção. Muitos setores passaram a montar plantas fabris em outros estados onde os custos com matéria prima e mão de obra são mais baratos, sendo que para isso contaram com incentivos fiscais.

O processo de terceirização também foi uma das maneiras de se manter no mercado, principalmente empresas de grande porte. De acordo com Leite (1994), a terceirização da produção possibilitou uma melhoria na produtividade das empresas e uma maior capacidade para competirem internacionalmente. As empresas terceirizadas ou eram criadas pelas próprias grandes indústrias, ou então subcontratavam empresas de terceiros, objetivando a redução dos custos de produção.

Siebert (2006) apud Mattoso (1999, p 122), sobre os efeitos nos setores da economia:

“A abertura comercial indiscriminada, a ausência de políticas industriais e agrícolas, a sobrevalorização do real e os elevados juros introduziram um freio ao crescimento do conjunto da economia (indústria, serviços e agricultura) e uma clara desvantagem da produção doméstica diante da concorrência internacional, ao longo dos anos que conformaram o primeiro governo FHC (1995-1998). A reação das empresas, dada a menor competitividade frente aos concorrentes externos a que foram levadas, foi imediata: aceleraram a terceirização de atividades, abandonaram linhas de produtos, fecharam plantas, racionalizaram a produção, importaram máquinas e equipamentos, buscaram parcerias, fusões ou transferência de controle acionário, e reduziram custos, sobretudo de mão de obra”.



O que se presenciou também foram investimentos externos diretos realizados por companhias estrangeiras na indústria brasileira, aumentando assim a dependência por capital estrangeiro. Durante a década de 1990 poucos foram os investimentos com instalações de novas empresas multinacionais no Brasil, sendo preferível adquirir empresas brasileiras à venda, bem como empresas estatais que foram privatizadas. (SIEBERT, 2006)

A partir do processo de reestruturação produtiva instaurado no Brasil, estratégias de modernização das plantas industriais foram adotadas para alcançar a competitividade diante da concorrência estrangeira. Porém, como muitas empresas não obtiveram sucesso diante do novo quadro econômico, muitas fecharam suas portas e, por consequência, houve um aumento da mão-de-obra desempregada. (SILVA, 2003). Segundo Mattei e Lins (2010) a taxa de desemprego entre 1995 a 1999 cresceu radicalmente.

Essa aceleração da taxa de desemprego ocorreu fortemente na indústria de transformação. As grandes empresas que realizaram investimentos em máquinas e equipamentos cortaram custos com mão de obra, elevando o número de desempregados no país. Mais adiante, esses trabalhadores que já faziam parte da mão de obra especializada foram realocados em pequenas e médias empresas – muitas vezes contratados como trabalhadores informais – principalmente terceirizadas e subcontratadas pelas grandes indústrias, boa parte delas multinacionais. Para Dedecca (2002):

“A terceirização, o deslocamento de plantas, o uso de trabalho informal, as inovações organizacionais e a maior flexibilidade das relações de trabalho foram instrumentos valiosos para as empresas, em um contexto de modernização tecnológica localizada. Reduções de emprego e de salários acompanharam essa maior eficiência”. (DEDECCA, 2002, p. 75)

Lins e Mattei (2010, p. 117) reforçam que “produção terceirizada, inclusive em cooperativas de trabalho, trabalho em tempo parcial e uso de trabalhadores em domicílio, entre outras -, constituiu aspecto básico da “face social” da reestruturação produtiva”.

O que se presenciou nos anos 90 com o processo de reestruturação, foi o desencadeamento da modernização da indústria nacional, e como consequência o grande número de indústrias que não atingiram as novas exigências da concorrência internacional, ocasionando assim, no crescimento do número de desemprego no país. Assim sendo, como ocorreu a modernização no parque produtivo brasileiro, através da importação de novas máquinas, equipamentos e insumos, consequentemente reduziram-se o número de empresas e empregos no país. (Massuda, 2002)

Todo esse processo de reestruturação produtiva provocado pela abertura da economia impactou na balança comercial brasileira, que até 1994 se encontrava em superávit, porém, a implementação do Plano Real comandada pelo até então ministro Fernando Henrique Cardoso estabilizou a moeda nacional como forma de combater a inflação. A estabilidade levou aos consumidores brasileiros a facilidade em se adquirir bens e serviços a preços mais acessíveis, ocasionando a expansão do consumo. (Siebert, 2006).

Para Mattei e Lins (2010) a abertura da economia provocou crescimento nas importações brasileiras, porém, foi com Plano Real em 1994 que a situação se agravou:

“A valorização da moeda brasileira frente ao dólar estadunidense, a partir de 1994, magnificou os efeitos da redução tarifária (...), provocando avalanche de importações e, pari passu, aprofundando ainda mais a concorrência de produtos estrangeiros nos mercados internos” (Mattei e Lins, 2010, p. 114)

Lins (2000) expõe que de um modo geral, a política cambial exerceu fortes influências sobre a indústria brasileira. Apesar da abertura da economia no início da década de 90 ter desencadeado um expressivo número de importações, foi a partir de 1994 que o quadro se agravou. O coeficiente de participação das importações passou de 11,2% para 15,5% entre 1994 e 1995, revelando a fragilidade na indústria nacional.

A tabela 01 mostra a estabilidade da balança comercial até 1994, que registrava um saldo de 10.466 milhões (US\$). Porém, com a implementação do Plano Real houve uma desestabilização, com o aumento desenfreado das importações, passando para um saldo negativo de 3.466 milhões (US\$). A situação se agravou nos anos 1997 e 1998 e passou a se recuperar somente nos anos 2000.

Tabela 1 - Balança Comercial Brasileira - 1990 - 2000. (US\$ Milhões)

Ano	Exportações	Importações	Saldo
1990	31.414	20.661	10.753
1991	31.620	21.040	10.580
1992	35.793	20.554	15.239
1993	38.555	25.256	13.299
1994	43.545	33.079	10.466
1995	46.506	49.972	-3.466
1996	47.747	53.346	-5.599
1997	52.983	59.747	-6.764
1998	51.140	57.763	-6.623
1999	48.013	49.302	-1.289
2000	55.119	55.851	-732

Fonte: Ministério da indústria, comércio exterior e serviços - MDIC. Adaptado pela autora

Gorini (2000) afirma que a estabilização da moeda ocorrida em 1994 fortaleceu o consumo por parte da população de renda mais baixa e que, aliado à abertura da economia no início da década, gerou-se déficits da balança comercial brasileira. Para Siebert (2006) o plano acabou dificultando o crescimento para as indústrias nacionais, os quais ficaram sujeitas a uma enxurrada de produtos estrangeiros, principalmente provenientes do Sudeste Asiático, onde a mão de obra era muito mais baixa, sendo possível praticarem preços inferiores e concorrer com o mercado brasileiro.

A partir de 1999 a situação da balança comercial brasileira começou a normalizar com a desvalorização do câmbio e a retomada das exportações. Se inicialmente os empresários se adequaram a agenda neoliberal de desenvolvimento, no final da década de 1990 “começaram a reivindicar uma política industrial para o país, que oferecesse condições de isonomia para a indústria nacional em relação aos concorrentes estrangeiros”. (SIEBERT, 2006, p. 99)

## 2.2 A REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA NO SETOR TÊXTIL BRASILEIRO

O setor têxtil-vestuário brasileiro foi uma das bases para o desenvolvimento da indústria nacional. É caracterizado por ser uma cadeia produtiva ampla, onde abriga diversos setores e etapas de produção. Em 1940 ocupava o segundo lugar como produtor têxtil mundial e em 1950 possuía em torno de 25% da força de trabalho brasileira alocada em suas indústrias. Com a política de substituição de importações da época, foi um dos setores que praticamente havia concluído o processo de internalização das atividades se comparado com outros ramos da indústria nacional. (KON, COAN, 2005) O objetivo desse processo de internalização era que todos os processos da cadeia produtiva têxtil fossem realizados no país, contribuindo assim para o crescimento e desenvolvimento da indústria nacional.

Pelo fato de o Brasil ser, até final da década de 1980, caracterizado como uma economia direcionada para o mercado interno por conta da política protecionista – baseada em altíssimas alíquotas de importação –, o processo de abertura da economia instituído pelo governo na década de 1990 mexeu com a indústria têxtil nacional. Sua contribuição na economia brasileira diminuiu significativamente e o setor que até então era fortemente protegido ficou frente a uma situação de concorrência externa, na qual não estava totalmente preparada. (CAMPOS et al, 2000; SARAIVA et al, 2005)

Essa concorrência externa provinha, principalmente, dos países Asiáticos, que segundo Luclktenberg (2004) obtêm uma superprodutividade devido à forte tendência de exploração da mão de obra, o que permitia a prática de preços mais baixos que os outros mercados. Como o parque industrial brasileiro ainda estava defasado tecnologicamente em relação aos outros países, o setor necessitou de uma reestruturação produtiva. Modificações nos processos produtivos e administrativos foram necessários com o intuito de se modernizar para enfrentar a concorrência externa. Conforme Massuda (2002) ressalta, a reestruturação produtiva no setor têxtil rompeu gradativamente os antigos padrões de produção, com influências sobre o emprego industrial e, conseqüentemente, influenciando a balança comercial.

A indústria nacional teve seus parâmetros competitivos reduzidos no mercado interno e nas exportações devido às dificuldades em se adaptar perante a abertura da economia. Sem um plano inicial para o processo de reestruturação que estava em curso no país, com alíquotas de importação de produtos e insumos têxteis sendo reduzidos, após a forte expansão de países asiáticos no comércio internacional, a indústria têxtil brasileira foi bastante afetada. (CAMPOS et al, 2000)

Essas reduções nas alíquotas de importação impactaram diretamente a concorrência em relação aos produtos estrangeiros. A partir de 1988 ocorreu gradativamente a redução das alíquotas, e quatro anos depois, alguns segmentos já haviam sido reduzidos a zero.

Através das alíquotas de importação é possível perceber as dificuldades das indústrias têxteis brasileiras em lidar com a concorrência externa. Até 1986 alguns produtos possuíam alíquotas em mais de 100%, como é o caso das confecções e tecidos de algodão e fibras artificiais e sintéticas. De acordo com a tabela 02, percebe-se o agravamento a partir dos anos 1990, onde todos os segmentos apresentaram uma queda brusca dessas alíquotas, com destaque para as fibras tanto sintéticas quanto artificiais e para o algodão, que até então era o principal insumo da cadeia têxtil brasileira.

Tabela 2 - Alíquotas de Importação de Produtos Têxteis – 1986 a 1992. (Valores em %)

Produtos	1986	1988	1990	1991	1992
Algodão em pluma	55	10	0	0	0
Fios de Algodão	85	30	20	20	20
Tecidos de Algodão	105	60	40	40	30
Filamentos artificiais e sintéticos	55	55	20	20	20
Filamentos de poliuretano	55	55	20	20	20
Tecidos de filamentos	85	65	40	40	30
Fibras artificiais e sintéticas	55	45	20	20	20
Fios de fibras artificiais e sintéticas	55	55	20	0	0
Tecidos de fibras artificiais e sintéticas	105	65	40	40	30
Tecidos de malha	105	65	40	40	30
Confecções de malha	105	85	50	50	40
Confecções de tecido	105	85	50	50	40
Confecções de cama mesa e banho	105	85	50	50	40
Outras Confecções	105	85	50	50	40

Fonte: Silva (2008) apud Castro (2000).

Foram necessárias novas estratégias organizacionais para competir com o mercado internacional, principalmente com os produtos e insumos provenientes da Ásia. Aperfeiçoamento dos processos produtivos e a aquisição de novas máquinas e equipamentos para a fiação, malharia, tecelagem e acabamento, foram incorporadas à produção. O objetivo era melhorar a qualidade do produto e reduzir os custos, pois anos de política de substituição de importações trouxeram apenas acomodação produtiva, na qual precisaram se modificar

frente à pressão da abertura e o agravamento da concorrência com o mercado internacional. (CAMPOS et al, 2000; SARAIVA et al, 2005)

A sobrevalorização do real e a redução da alíquota de importações para máquinas e equipamentos e linhas de financiamento de longo prazo para o setor têxtil possibilitou a modernização do parque de bens de capital no setor têxtil brasileiro visto que grande parte é produzida fora do país. Em um período de cinco anos, entre 1990 e 1995 as importações de máquinas têxteis duplicou, estratégia utilizada para a melhora da qualidade e dos processos produtivos das indústrias. (CAMPOS et al, 2000; JINKINGS,2002)

Parte dos investimentos realizados pelas empresas brasileiras para a aquisição de máquinas e equipamentos mais modernos adveio de financiamentos realizados pelo Banco Nacional do Desenvolvimento (BNDES), através da criação do Programa de Reestruturação do Setor Têxtil. Estes financiamentos tinham como prioridade, segundo Monteiro Filha e Corrêa (2002, p. 20) “expansão de plantas já existentes, investimentos em equipamentos nacionais, implantação de novas unidades fabris e investimento em equipamentos estrangeiros”.

Gorini (2000) ressalta que estes investimentos no setor têxtil-vestuarista gerou um aumento da produtividade e aumentou a capacidade de produção das empresas. Os principais investimentos foram nos segmentos de fiação, tecelagem e tinturaria, com a aquisição de filatórios, teares, máquinas de costura e acabamento. Essas importações foram realizadas, principalmente, por parte das indústrias de grande porte que possuíam recursos para adquirir novas máquinas e equipamentos. Já as empresas de médio e pequeno porte optaram pela reforma dos mesmos, já que os custos não seriam tão altos.

Segundo Monteiro Filha e Corrêa (2002), no período de 1990 a 2001 houve um investimento total de 8,4 bilhões de dólares no setor, sendo 5,5 bilhões somente com a importação de novas máquinas e equipamentos providos de tecnologias mais avançadas.

As empresas de grande porte, principalmente as que exportavam uma parcela de sua produção, já vinham reduzindo antes mesmo da abertura da economia seus custos, e possuíam recursos para investir na aquisição de novas máquinas e equipamentos e a melhoria de seus processos produtivos. Já as empresas de médio e pequeno porte enfrentaram dificuldades, visto que não possuíam tantos recursos para passar por um processo arrojado de modernização e se adequar aos novos padrões exigidos. (GORINI e SIQUEIRA, 2002).

Em 1993 o setor têxtil contava com cerca de 3700 empresas têxteis e 14.400 confecções, sendo que em poucas delas era constatado a existência de processos produtivos

modernizados. Muitas sobreviviam apenas em nichos regionais de mercado, principalmente o segmento de confecções, responsável por 778 mil empregos em 1995 (BNDES, 1995).

O que se presenciou, em geral, foi um momento conturbado, perante a nova situação. Um grande número de empresas do setor têxtil decretaram falência entre os anos 1990 e 1997, demonstrando impacto de perdas da indústria nacional no mercado, especialmente nos ramos de fiação e tecelagem. (CAMPOS et al, 2000; SARAIVA et al, 2005)

Tabela 3 - Número de Empresas por Segmento de Atuação da Indústria Têxtil Brasileira – (1990-2004)

Ano	Fiação	Tecelagem	Malharia	Beneficiamento	Total
1990	1179	1481	3766	818	7244
1991	1123	1450	3685	802	7060
1992	990	1268	3576	707	6541
1993	954	1186	2934	689	5763
1994	939	1082	3398	687	6106
1995	661	984	3019	580	5172
1996	617	834	2891	470	4812
1997	550	682	2830	380	4442
1998	427	521	2932	355	4235
1999	389	439	3098	305	4231
2000	360	434	3195	298	4287
2001	360	425	3250	480	4515
2002	363	431	3261	448	4503
2003	364	437	2874	455	4130
2004	359	447	2546	494	3847

Fonte: Silva (2008) apud ABTI/Sinditêxtil (2005)

Em consequência da reestruturação nas indústrias têxteis, no ano de 1993 foi observada uma queda de quase 50% em relação a 1990 no número de empregos no setor (BNDES, 1995).

A indústria têxtil-vestuário tornou-se mais capital-intensiva trazendo a elevação da produtividade física das máquinas e equipamentos e conseqüente redução da quantidade de trabalhadores. Essa característica é distinta por etapas do processo produtivo, sendo mais capital-intensiva nas etapas de fiação, tecelagem e acabamento do que na confecção onde as especificidades desta fase produtiva conduzem a maior contingente de trabalhadores no processo produtivo (...) foram eliminadas várias operações nas etapas do processo produtivo e aumentaram-se os níveis de utilização dos equipamentos e de qualificação dos trabalhadores. (CAMPOS et al, 2000, p. 14)

Segundo Massuda (2006), no ano de 1992 a indústria empregava 283.305 trabalhadores, e gradualmente passou para 143.666 em 1999, uma redução de 51% do total de empregados.

Os setores mais afetados quanto à redução do número de mão de obra empregada foram os setores de beneficiamento, malharia, e fiação e tecelagem. No setor de beneficiamento, a queda no número de empregados do ramo foi de 18.995 em 1992 para 8.860 em 1999. Massuda (2006) ressalta que essa queda foi mais expressiva entre 1994 e 1998, e associa o período à baixa produção do algodão ocorrida no mesmo período.

No setor de fiação e tecelagem, a redução no número de empregados foi de mais de 100 mil postos em um período de sete anos. Eram os setores que mais empregavam mão-de-obra e ao mesmo, foram os que mais registraram queda.

O setor de malharia também sofreu com uma perda no número de empregados, em 1992 o setor contava com 34.289 postos de trabalho, e em 1998 possuía 18.645. Foi observada uma melhora no setor a partir de 1999 como mostra a tabela 03 abaixo. Massuda (2006) associa o crescimento no número de empregados do setor de acabamentos com a criação de empresas de micro porte por parte das grandes empresas, como forma de terceirização da produção, em 1992 o setor contava com 11.399 funcionários, e passou para 15.117 no ano de 1999.

Tabela 4 - Número de empregados no ramo têxtil brasileiro por segmento – (1992-1999)

Ano/ Segmento	Beneficiamento	%	Fiação/ Tecelagem	%	Malharia	%	Acabamento	%	Total	%
1992	18.995	10,3	208.622	73,6	34.289	12,1	11.399	4,0	283.305	100
1993	29.627	10,6	207.134	74,0	32.613	11,6	10.516	3,8	279.890	100
1994	20.517	9,0	169.754	74,0	22.891	10,0	16.076	7,0	229.238	100
1995	18.634	9,5	144.711	73,6	20.129	10,2	13.190	6,7	196.664	100
1996	15.310	8,2	139.380	75,1	18.518	10,0	12.404	6,7	185.612	100
1997	11.509	7,0	119.715	73,3	18.223	11,1	13.970	8,6	163.417	100
1998	9.748	6,5	107.980	72,4	18.645	12,5	12.827	8,6	149.200	100
1999	8.860	6,2	100.160	69,7	19.529	13,6	15.117	10,5	143.666	100

Fonte: Massuda (2006)

A indústria brasileira tinha como objetivo até 1994 atender o mercado interno, a exportação da produção só seria utilizado para compensar períodos de retração da economia. No entanto, os investimentos realizados em máquinas e equipamentos possibilitaram às grandes indústrias se adequarem a concorrência internacional e, portanto, exportarem a



produção como forma de driblar a conjuntura econômica da época. (CAMPOS et al, 2000 apud Atem, 1989) Porém, o quadro permaneceu assim até 1995, quando a balança comercial têxtil começa a apresentar um saldo negativo.

A estabilização das exportações devido à competitividade internacional, e a sobrevalorização cambial associada ao Plano Real implementado em 1994 afetou o setor em geral, dentre eles a produção nacional de algodão, considerado o principal insumo da indústria têxtil nacional. Cerca de 75% da produção, especialmente de produtos de cama, mesa e banho, e vestuário de produtos de malha é produzido a partir da fibra do algodão. Ainda que o algodão produzido no Brasil fosse relativamente mais barato que o produzido no exterior, havia o benefício de poder adquirir o insumo e pagá-lo em longo prazo, com uma taxa de juros mais baixa. (JINKINGS, 2002; LINS, 2000).

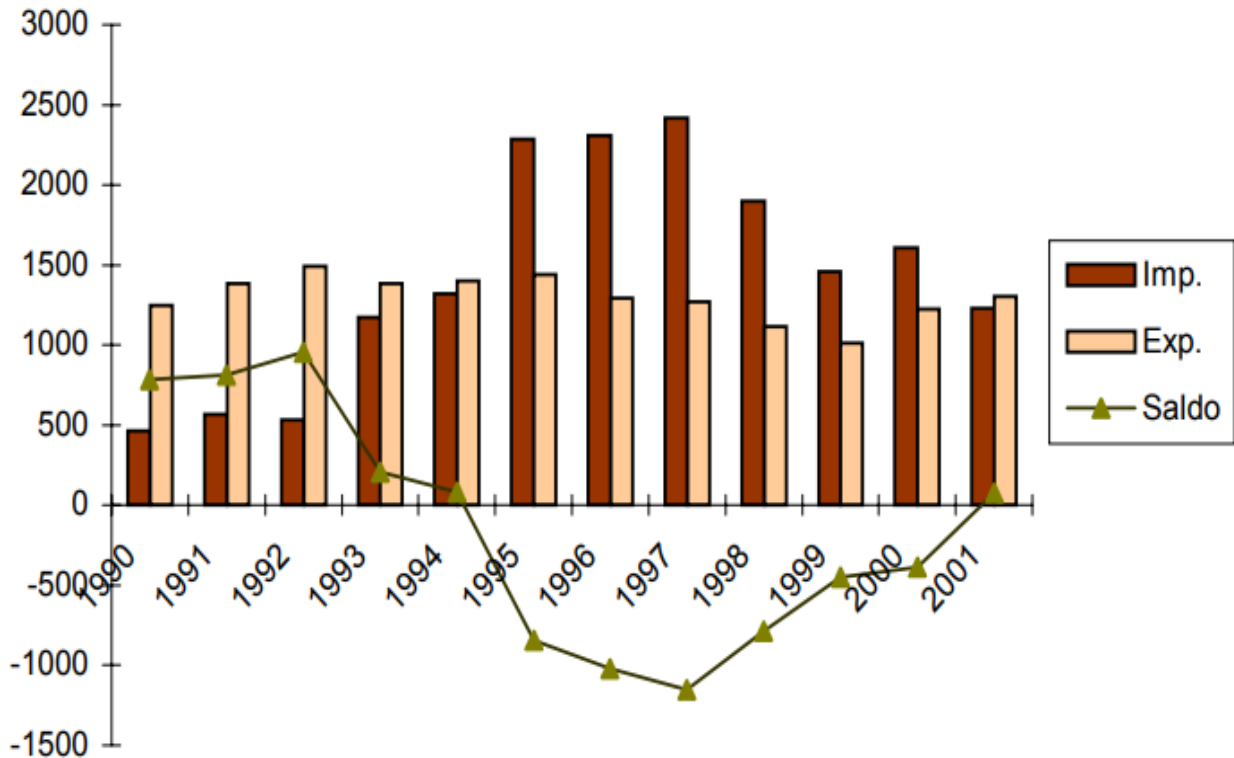
A produção de fibras artificiais e sintéticas também reduziu, visto que, a alta competitividade no setor fez arrefecer a produção nacional. Constantes investimentos em modernização eram necessários para assegurar a competitividade, todavia, ainda assim o custo de importação das fibras era menor que o da produção (PAVÃO e CAMPOS; 2010).

Já no segmento dos fios, houve uma redução de 27% no consumo interno, no período compreendido entre 1990 e 1996, devido à concorrência chinesa na qual custava 3/4 do preço brasileiro. Um número expressivo de empresas do ramo de tecelagens encerraram suas atividades e desligaram milhares de trabalhadores neste período. (LINS, 2000)

De acordo com a figura 01, é possível observar que a situação da balança comercial têxtil brasileira, que até 1994 era superavitária mudou. A estabilização das exportações, o crescimento das importações e a sobrevalorização do real reverteram o quadro, fazendo com que seu saldo permanecesse negativo entre 1995 e 1999.

Apesar do elevado número de importações de máquinas e insumos no setor têxtil, a balança comercial foi fortemente atingida a partir de 1994 com a entrada massiva de confecções prontas. Gorini (2000) pontua também que a sobrevalorização cambial aliada à estabilização da moeda fortaleceu o consumo por parte da população com renda mais baixa.

Figura 1 - Balança comercial de produtos têxteis no Brasil - 1990 a 2001.  
(Em US\$ 1.000.000 FOB)



Fonte: Jinkings (2002).

Já em relação às importações de tecidos afetaram as indústrias dos ramos de tecelagens, tinturarias, estamparias e até fiações como já mencionado. Porém, com o crescimento das importações de confecções prontas, o setor foi ainda mais atingido (Monteiro Filha e Corrêa, 2002).

A demanda por artigos do vestuário nos primeiros anos da abertura comercial se manteve praticamente nos mesmos patamares, contudo em 1994, com a implementação do Plano Real associada à sobrevalorização do câmbio houve retração no consumo e “passou-se a notar o crescimento das reclamações dos vestuaristas brasileiros contra o que se percebia como uma invasão de artigos oriundos de países com níveis de salários entre os menores do mundo”. (LINS, 1998, p.2).

Uma das alternativas utilizadas para venderem a produção estocada era a ampliação das chamadas lojas de fábrica, introduzidas no início dos anos 1990, na qual comercializava

peças que possuíam defeitos e coleções passadas, passando a ser visto como uma alternativa para o segmento do vestuário. (LINS, 2000)

A tabela 05 mostra a evolução do número de importações de artigos de vestuário. Muitas empresas acabaram adotando peças de vestuário prontas provenientes da Ásia, apenas etiquetavam no Brasil. Assim reduziam seus custos com mão de obra, investimentos em novas máquinas e ganhavam em produtividade.

Até 1994 o valor das importações se encontrava em valores estáveis, porém a partir de 1995 é notável o quanto que o crescimento das importações passou a se inserir na concorrência com o mercado vestuarista brasileiro.

Tabela 5 - Importações de artigos de vestuário no Brasil. (1990 - 1997) (US\$ Milhões)

Ano	Valor das Importações	% em relação às importações totais
1990	131	0,63
1991	169	0,80
1992	116	0,56
1993	159	0,63
1994	296	0,89
1995	804	1,61
1996	862	1,62
1997	979	1,59

Fonte: LINS, 2000

Incentivos foram necessários para alcançar a competitividade no mercado nacional e estrangeiro e, portanto, estratégias adotadas pelas empresas do sul como o deslocamento regional, para regiões como Nordeste e Sul de Minas onde o custo com a mão-de-obra era menor, isenção de imposto de renda em alguns estados, dentre eles o Ceará, e a criação de cooperativas de confecção remunerados de acordo com sua produção foram estratégias de redução de custo no setor têxtil e vestuarista. (GORINI e SIQUEIRA, 2002).

Essas pequenas empresas, grande maioria terceirizadas ou então subcontratadas os processos produtivos, desempenharam um papel fundamental no setor têxtil-vestuarista brasileiro, visto que se tornou uma forma de sobrevivência para o elevado número de desempregados do setor. (Massuda, 2002)

É notável que a indústria têxtil-vestuarista brasileira passou por grandes transformações na década de 1990, refletindo assim em seus diversos processos produtivos.

Dentro destas características, buscase nos próximos capítulos descrever quais foram as principais mudanças ocorridas no setor têxtil-vestuarista da Mesorregião do Vale do Itajaí, um dos polos têxteis brasileiros, e os reflexos em um segmento específico nos períodos compreendidos entre a década de 90 e início dos anos 2000.

### **3. A REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA OCORRIDA NOS ANOS 1990 E OS IMPACTOS NA INDÚSTRIA TÊXTIL E VESTUARISTA NA REGIÃO DO VALE DO ITAJAÍ**

Este capítulo está dividido em três seções. Na primeira é realizada um breve esboço de como ocorreu o processo de colonização alemã na Mesorregião do Vale do Itajaí, destacando-se a transição da produção agrícola para o início da industrialização na região, com a implantação das primeiras indústrias das atividades têxteis na região e a consolidação das mesmas na metade do século XX.

Na segunda seção discute-se brevemente a trajetória da indústria têxtil, desde sua consolidação em meados dos anos 1950 até o final dos anos 1980, período em que ocorreu uma crise no setor, particularmente no final dessa década.

Na terceira seção serão discutidos os impactos da abertura da economia ocorrida no Brasil e como consequência o processo de reestruturação produtiva no setor têxtil da região iniciado na década de 1990, advindo do quadro econômico da década anterior, e os reflexos desse processo na economia da região, afetando as indústrias, empregos, entre outros.

#### **3.1 A COLONIZAÇÃO DO VALE DO ITAJAÍ**

No século XIX, o quadro econômico de crises e as recorrentes guerras na Europa, trouxeram ao Brasil um grande número de imigrantes alemães. Grande parte desses imigrantes vieram para os estados do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina. Esse último recebeu forte contingente de imigrantes que colonizaram a região do Vale do Itajaí, na qual localiza-se o maior número de imigrantes alemães do estado. Como mostra a figura 02, é notável que praticamente toda a região do Vale recebeu colonizadores advindos da Alemanha. A primeira localidade a se consolidar como uma colônia foi no município de Blumenau, fato que aos poucos se dissipando para as outras localidades.

Figura 2 - Zona de colonização alemã no Vale do Itajaí - Santa Catarina



Fonte: MAMIGONIAN, 1965. Adaptado pela autora.

Essa primeira colônia alemã foi fundada em setembro do ano de 1850 por Doutor Otto Hermann Blumenau, que embarcou para o Brasil através da Sociedade de Proteção aos Emigrantes Alemães, visitando Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Em uma dessas visitas adquiriu terras da região às margens do Rio Itajaí-Açu no Vale do Itajaí. Dr. Blumenau retornou para a Alemanha com o propósito de encontrar colonos, porém, apenas dezessete imigrantes se juntaram a ele e se instalaram na região, surgindo assim a Colônia Blumenau. (HERING, 1987; LUCLKTENBERG, 2004)

Dez anos após a formação da Colônia Blumenau, o Presidente da província de Santa Catarina, Francisco Carlos de Araújo Brusque fundou outra colônia na região do Vale do Itajaí, hoje, atual município de Brusque. A colônia contava inicialmente com 59 colonos alemães em 1860, totalizando 406 habitantes no final desse mesmo ano. (HERING, 1987)

Segundo Siebert (2006), essas colônias eram baseadas apenas na produção para subsistência com o emprego da mão de obra das famílias e sem um regime de trabalho escravo, diferentemente do que ocorria no restante do país.

Conforme os imigrantes chegavam à região, terras eram distribuídas entre eles. Em um período de trinta anos foi registrada a entrada de 7.111 alemães só no município de Blumenau, primeira cidade da região a consolidar uma colônia alemã. (LOMBARDI, 2001) No período compreendido entre 1850 e 1880, a colônia no município de Blumenau era voltada para a produção de alguns produtos, designado apenas ao consumo local e regional. Na produção

agrícola eram cultivados o fumo, café, cana-de-açúcar e algumas frutas. No ramo alimentício produziam farinha de mandioca, salame e alguns derivados de leite. Bebidas como vinho e cerveja também eram fabricados, além da produção de madeira e tijolos. (Goularti Filho, 2007 apud Hillesheim, 1979).

Apesar de colônias de diversos países de origem terem se estabelecido em Santa Catarina no mesmo período, foram os alemães que se desenvolveram primeiro no âmbito econômico. Foi a primeira colônia a passar do estágio agrícola para dar início ao processo de industrialização. (HERING, 1987) Porém, esse processo ocorreu somente com a chegada de outra leva de imigrantes na região. Os primeiros colonizadores tinham como base apenas a agricultura, enquanto os recém-chegados a partir de 1875 provinham de uma região da Alemanha onde a industrialização já havia se consolidado. (MAMIGONIAN, 1965)

Segundo Hering (1987), a primeira indústria manufatureira do Vale do Itajaí foi do ramo têxtil, tendo sido fundado por uma família que há gerações eram tecelões ou então mestres na tecelagem e na malharia. A vinda desses imigrantes que deram início ao processo de industrialização na região do Vale do Itajaí foi de grande importância para o desenvolvimento da região, como descreve Mamigonian (1965, p. 396):

“É preciso assinalar desde já que estas pessoas mais qualificadas abandonaram a Alemanha mais frequentemente após as crises dos séculos XIX e XX. Por isto, pode-se afirmar que as crises econômicas europeias, na medida em que elas enviaram a Blumenau pessoas com experiência técnica ou comercial e espírito de iniciativa, contribuíram para a industrialização desta cidade”.

A partir de incentivos do governo brasileiro para adentrar em um processo de industrialização e obter independência econômica, medidas como a suspensão das taxas alfandegárias em meados de 1846, incentivaram a importação de máquinas e matérias primas, surgindo assim as primeiras fábricas de fiação e tecelagem no Brasil. Já na região do Vale do Itajaí, as indústrias têxteis demoraram um tempo para serem fundadas. Devido à distância do mercado nacional, o estado catarinense foi menos beneficiado pelo governo, comparativamente a outros estados brasileiros. (LUCLKTENBERG, 2004)

As indústrias têxteis surgiram trinta anos após a ida dos imigrantes para a região de Blumenau. Dentre essas indústrias, as pioneiras no município de Blumenau foram a Hering (1880) caracterizada por ser do segmento de malharia, a Karsten (1882) e a Garcia (1885), ambas tecelagens de algodão. (MAMIGONIAN, 1965; JINKINGS, 2002)

Já no município de Brusque nascia a empresa Renaux (1892) especializada na tecelagem e, em 1900, na mesma empresa foi instalado o segmento da fiação. Já a Buettner

foi criada no ano de 1898 como uma fábrica de bordados, visto que a família fundadora era especializada no ramo (SIEBERT, 2006).

Eram caracterizadas por serem pequenas empresas familiares, todas lideradas por colonizadores alemães. O excedente gerado pela atividade agrícola possibilitou o surgimento das mesmas, visto que possuíam uma cultura empreendedora e uma vocação para o setor têxtil. “Estas empresas eram muito modestas, não utilizavam eletricidade, importavam da Alemanha máquinas usadas e o fio do algodão, e vendiam os tecidos fabricados em Blumenau e vizinhanças”. (Mamigonian, 1965, p. 394) A urbanização desses municípios se deu em volta das fábricas, que eram localizadas próximo às águas dos rios, na qual era utilizada como energia para o processo industrial. (SIEBERT, 2006)

O município de Blumenau, precursor da industrialização na região do Vale do Itajaí, apresentava já nas primeiras décadas do século XX características de uma localidade que já poderia ser denominada como um pequeno centro fabril, onde havia diversas tecelagens e malharias, tanto de pequeno quanto de médio porte. Em 1909, quando iniciou a produção da eletricidade na região e ocorreu a primeira guerra mundial, se consolidaram as primeiras indústrias na região. O papel da primeira guerra para o fortalecimento da indústria têxtil na região se deve às interrupções das exportações dos países europeus, surgindo, portanto, oportunidades de aumento da produção e comercialização para suprir a demanda, além de novas indústrias serem instaladas no Brasil. Ocorreu também uma imigração pós-guerra na região, onde o desenvolvimento da indústria local atraiu novos imigrantes, principalmente mão de obra técnica, que contribuiu para o fortalecimento e expansão das mesmas. Algumas políticas nos anos 1920 também contribuíram para a consolidação, visto que houve a oportunidade da importação de novas máquinas, ocasionando na abertura de mais indústrias têxteis na região, como a Teka (1926), Artex (1937) e Sulfabril (1947). No final da década de 1940 as indústrias do município de Blumenau contavam com cerca de 2000 mil funcionários, se tornando assim, uma forte região industrial. Esse período foi marcado pelo fim do ciclo colonizador do Vale do Itajaí, visto que grande parte das terras da região já havia sido delimitada pelos colonos. (MAMIGONIAN, 1965; HERING, 1987; SIEBERT, 2006; GOULARTI FILHO, 2007).

Segundo Hering (1987), o sucesso das indústrias têxteis no Vale do Itajaí é caracterizado pelo perfeccionismo e cooperativismo das famílias alemãs. O excedente gerado pela atividade agrícola, a poupança dos colonos e o alto nível de especialização na área fizeram com que desenvolvessem pequenas indústrias voltadas apenas para o mercado regional. A persistência, dedicação e a qualidade da mão de obra tornaram esses pequenos



empreendimentos em grandes indústrias sólidas, contribuindo significativamente para a economia do estado e do país.

### 3.2 SETOR TÊXTIL DO VALE DO ITAJAÍ

#### 3.2.1 Breve exposição da trajetória da indústria têxtil (1950 - 1980)

Segundo Goularti Filho (2007, p. 145), em meados dos anos 1950 o setor têxtil já estava presente na região do Vale do Itajaí, principalmente em Blumenau e Brusque “com grandes e médias empresas e uma produção nacionalizada”. Foi no período entre 1945 e 1962 que houve expansão dessas empresas, através de ampliações das capacidades das plantas produtivas.

No final de 1960 o setor têxtil da região já contava com grandes indústrias, inseridas no mercado nacional e possuíam algumas características de um oligopólio competitivo. (GOULARTI FILHO, 2007).

De acordo com dados de Mamigonian (1965), no ano de 1958 no município de Blumenau, a indústria têxtil era a que mais empregava, com um total de 5.974 operários, e 32 estabelecimentos, duas dessas empregando mais de mil funcionários cada. Nesse mesmo período, foram criados no Brasil órgãos cujo objetivo seria dar sustentação às indústrias têxteis. Boa parte do parque produtivo era formada por máquinas muito antigas, em média possuíam trinta anos de uso, acarretando em baixos índices de produtividade do setor. Modernizar os processos produtivos através de programas de financiamento, e oferecer apoio às grandes, médias e pequenas indústrias foi alguns dos propósitos desses órgãos. (LUCLKTENBERG, 2004)

Na década de 1960, segundo Siebert (2006), ocorreu uma maior atuação do Estado brasileiro com políticas de desenvolvimento industrial, como financiamento nacional oferecido pelo BNDES; e estadual, através do Banco de Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina (BRDE). Nesse período foram fornecidos à indústria catarinense, em especial ao setor têxtil, grandes recursos como fomento para o crescimento das mesmas. Nessa mesma década ocorreram melhorias na comunicação e nos meios de transporte, contribuindo para a expansão de unidades das indústrias têxteis para outros municípios do Vale do Itajaí. Outro

grande fator que ocorreu neste período foi a Hering surgindo como a primeira empresa têxtil do Brasil a exportar seus produtos.

A implantação do II PND - Plano Nacional de Desenvolvimento, entre os anos de 1975 e 1979, segundo Goularti Filho (2007), pode ser visto também como uma explicação para o desenvolvimento das indústrias nacionais, provocando assim um crescimento da produção e aumento da demanda por produtos têxteis e de vestuário.

Grandes indústrias da região, como a Hering, aproveitaram o momento de expansão da indústria brasileira para continuar com a implantação de mais plantas fabris. Uma unidade de fiação, além de mais uma unidade de confecção em Blumenau e outras duas de costura em cidades vizinhas menores, todas essas expansões foram realizadas durante a década de 1970. O mesmo ocorreu com outras empresas localizadas na região, onde a expansão dessas plantas produtivas que estavam adentrando nos pequenos municípios geravam empregos e renda, contribuindo para o crescimento e fortalecimento do setor têxtil e vestuário da região. (RAULINO, 2004)

Além da expansão para municípios vizinhos, unidades produtivas foram instaladas fora do estado de Santa Catarina, como nos estados de São Paulo, Pernambuco e Rio Grande do Norte, localidades que ofereciam benefícios fiscais, além de serem mercados consumidores dos artigos têxteis e de vestuário do Vale do Itajaí. Essa expansão para outros estados partiu principalmente das empresas Hering em 1976, a Sulfabril em 1979, a Teka e Artex no início da década de 1980. (CAMPOS et al, 2000)

Segundo Siebert (2006), na década de 1970 a indústria têxtil brasileira viveu um período de expansão e fortalecimento, refletindo nas indústrias do Vale do Itajaí. Porém, as máquinas para a produção e confecção de produtos têxteis e artigos de vestuário eram antigos, o que acarretava em altos gastos de energia elétrica, maior contingente de trabalhadores para operar essas máquinas, além da baixa produtividade que essas máquinas ofereciam. Nessa época, não foram realizados investimentos no setor de máquinas e equipamentos mais modernos para a produção, além de melhorias nos processos gerenciais.

Por consequência a esses investimentos que deixaram de ser realizados, a longo prazo, o que se presenciou foram atrasos em relação aos outros países e dificuldade quanto a competitividade internacional diante da abertura da economia na virada da década de 1980 para 1990.

### 3.2.2 A crise da indústria têxtil pós 1980

Na década de 1980, a indústria têxtil do Vale do Itajaí foi afetada pelas instabilidades financeiras e políticas que estavam ocorrendo no país. Os diversos planos econômicos e, por consequência, as constantes trocas de moeda nesse período, aliado à valorização do câmbio e ao quadro de desemprego impactou nas indústrias da região, principalmente no início da década. (KROST e BRANDÃO, 2017).

De acordo com o Dieese (1996), o setor têxtil acompanhou o movimento macroeconômico que estava ocorrendo, ficando de fato, quase que estagnado na esfera produtiva entre os anos de 1981 e 1990.

“Após o período expansivo da década de 1970, a década de 80, houve uma inflexão, com declínio acentuado da atividade econômica de Blumenau e ajustamento à crise nacional, com efeitos em toda a região. As causas externas: segunda crise do petróleo, superávits na balança comercial, taxas elevadas de inflação, falta de investimentos, recessão, enfraquecimento do setor industrial, redução do investimento público. Contribuiu para esta conjuntura ainda a falta de incentivo estadual, prejudicando as indústrias existentes e impedindo que novas se estabelecessem”. (SIEBERT, 2006, p. 109)

Além do cenário macroeconômico, a região também foi afetada por enchentes que ocorreram durante a década de 1980, principalmente em Blumenau, município que foi castigado pelas cheias em dois anos seguidos. (SIEBERT, 2006)

Apesar do ritmo de crescimento mais lento e das dificuldades enfrentadas, o setor passou a reagir nos anos seguintes e conseguiu manter o nível de produção até o final da década. A década de 1980 foi o momento onde iniciou o processo de descentralização da produção, na qual as grandes empresas da região do Vale do Itajaí expandiram suas plantas produtivas para municípios menores da região. Outra alternativa buscada por essas empresas era a diversificação do campo de atuação, entrando em outros ramos para driblar os efeitos negativos, o que acarretou na admissão de novos funcionários. Em 1980 existiam 41.000 empregos no setor têxtil, quantidade que passou para 58.700 no ano de 1989, ocorrendo assim um aumento de 43,2% na mão de obra empregada. Esse crescimento do emprego da mão de obra no setor só foi explicado devido à abertura de novas plantas produtivas em outros municípios da região, além de descentralizar alguns setores da produção de têxteis. (GOULARTI FILHO, 2007)

De acordo com informações obtidas em Lucktenberg (2004), o setor têxtil no Vale do Itajaí foi marcado por uma expansão da geração de empregos na região por conta da abertura de novas fábricas. Entre as grandes empresas, destaca-se a Hering que em 1981 liderava o

ranking das indústrias têxteis e empregava 11.227 mil trabalhadores. A empresa Artex nesse mesmo ano possuía a segunda posição no ranking, com 4.792 mil trabalhadores. Outras indústrias como a Sulfabril e Teka de Blumenau e a Renaux de Brusque possuíam entre 3.500 e 1500 funcionários empregados em suas indústrias.

Foi no final da década de 1980 que, segundo Lins (2000), iniciaram os investimentos no complexo têxtil vestuarista do estado, em especial à região do Vale do Itajaí, seguindo com maior intensidade na primeira metade da década de 1990, culminando assim em um intenso processo de reestruturação produtiva do setor. Esse processo modificou de forma substancial as estratégias de produção das indústrias. Novos processos gerenciais foram adotados, além de investimentos em máquinas e equipamentos intensivos em tecnologia para aperfeiçoar a produção e competir com o mercado estrangeiro. Porém, foi complicado para essas indústrias se adequarem rapidamente ao processo de reestruturação, culminando assim, dificuldades para se inserir no mercado visto que era elevado o nível de competitividade e qualidade dos produtos estrangeiros. Esse processo acabou causando o fechamento de muitas plantas fabris, e por consequência o aumento da mão de obra desempregada.

### 3.3 REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA NOS ANOS 1990

O quadro de instabilidade política e econômica dos anos 1980 somado ao processo de abertura da economia brasileira ocorrido no início dos anos 1990 abalaram as indústrias têxteis da região do Vale do Itajaí, considerado o segundo maior aglomerado têxtil-vestuário do Brasil e o maior do estado de Santa Catarina. A prematura entrada de produtos estrangeiros no país ocasionou uma acirrada competição do setor. O período foi turbulento, principalmente para os municípios de Blumenau e Brusque, que abrigam as maiores indústrias têxteis do estado. Segundo Siebert (2006), o setor têxtil da região passou por períodos de crescimento, estagnação e retração entre as décadas de 1960 e 1980, afetando a estrutura setorial, culminando assim em um processo de reestruturação produtiva a partir dos anos 1990.

Diante do quadro que se encontrava na região, todas as etapas da cadeia produtiva do têxtil e vestuário que são produzidas no Vale do Itajaí foram afetadas. Conforme Lins (2000), esse processo afetou as etapas de fiação, tecelagem, beneficiamento, malharia e a costura. A base da cadeia produtiva têxtil é a transformação de matérias primas, sejam elas naturais ou químicas, em fios e tecidos, para que assim sejam utilizados na manufatura de outros artigos, (CAMPOS et al, 2000) e cada etapa afetada no início da cadeia produtiva, irá afetar por

consequência as próximas. Foi o que ocorreu na região do Vale, onde se encontra as grandes indústrias de fiação, tecelagem e beneficiamento, indústrias essas especializadas principalmente em artigos de cama, mesa e banho, (Teka, Karsten, Renaux, Buettner, Artex., entre outras) e as especializadas em artigos de vestuário como Hering e Sulfabril. Com o nível de concorrência internacional e com a redução do consumo brasileiro desses artigos, trouxe reflexos também no restante da cadeia produtiva, como o acabamento e a confecção que geralmente eram realizados por empresas menores contratadas, além de afetar o produto final, que encontrava dificuldades para ser comercializado devido à concorrência internacional.

Foram necessárias estratégias para driblar a concorrência externa. Novas formas de comercialização e organização da produção e investimentos com diferenciação de produto visando a competitividade foram algumas das medidas adotadas, principalmente pelas grandes indústrias do Vale do Itajaí. O objetivo seria prosseguir com investimentos em tecnologia para acelerar a produtividade e diminuir os custos da empresa. Outra tática buscada por essas grandes indústrias era a importação de insumos do exterior, como tecidos em viscose e algodão, pois tornavam mais barata e acessível a produção. Esses tipos de tecido possuíam boa qualidade, característica necessária de ser adotada, visto que, “à qualidade passou a ser considerado elemento fundamental para o enfrentamento da concorrência de produtos asiáticos” (LINS, 2000, p. 89).

De acordo com estudos do Dieese (1996), apesar da abertura da economia provocar um aumento do número de produtos têxteis e vestuário adentrando no país, o momento serviu de impulso para facilitar a importação de máquinas e equipamentos que auxiliavam na modernização do parque produtivo da região. Taxas de juros mais baixas que as brasileiras e maiores prazos para pagamento atraíram o setor para adquirir tais mercadorias. Porém, ao mesmo tempo, as empresas enfrentavam dificuldades para comercializar sua produção, ocasionando déficits financeiros.

Com o processo de reestruturação produtiva em curso, houve investimentos em máquinas e equipamentos mais modernos nos setores têxteis da região do Vale do Itajaí. Segundo Lins (2000, p. 122) “as etapas do processo de produção que antes eram separadas tornaram-se aglutinadas numa ou em poucas máquinas”, reduzindo assim a quantidade de mão de obra necessária para a produção.

De acordo com Lombardi e Lins (2001), esses investimentos ocorreram em alguns períodos durante a década de 1990, e foram financiados pelo BNDES, que possuía recursos para incentivar as indústrias do estado, a fim de modernizar seus processos gerenciais e

produtivos. A partir de 1994, com a implantação do Plano Real, intensificaram-se os investimentos nas indústrias até o final da década.

Para se ter uma ideia dos investimentos realizados pelas indústrias da região, observa-se a tabela 06, com informações levantadas na época pelo Sindicato das Indústrias de Fiação, Tecelagem e do Vestuário de Blumenau - SINTEX, na qual fazem parte indústrias da região de Blumenau. Ocorreram flutuações nessa década onde houve períodos com maiores, e outros com menores investimentos.

Em 1991, por exemplo, praticamente duplicou o valor dos investimentos realizados em relação ao ano anterior, com um crescimento de 85%. Nos anos de 1992 e 1993 esses investimentos reduziram, voltando a subir a partir de 1994, chegando ao valor máximo da década em 1995, período onde foi implementado o Plano Real.

Essa sobrevalorização permitiu que matérias primas, insumos e máquinas e equipamentos fossem importados, visto que eram mais baratos em relação aos similares produzidos no país. Além disso, haviam as condições de pagamento mais favoráveis que tornava proveitoso importar. Nesse período até as indústrias de médio porte aderiram a essas importações, através de programas de incentivo do governo para a atualização do parque fabril. (CAMPOS et al, 2000) Os anos compreendidos no final da década também foram marcados por fortes investimentos na indústria têxtil do Vale do Itajaí.

Atrelado a esses investimentos realizados no setor, percebeu-se oscilações ao longo da década (tabela 06) quanto às importações de máquinas para modernização do parque produtivo têxtil. O auge da introdução dessas máquinas foi em 1990, ano que ocorreu um investimento de 89.434 milhões com a aquisição das mesmas. As importações reduziram até meados do ano de 1994, quando a sobrevalorização do Real permitiu que ocorresse outra onda de importações de máquinas e equipamentos para a indústria nesse mesmo ano. Assim como observado nos investimentos, as importações em máquinas decresceram até final da década, sendo que, a partir de 1998 houve novo aumento de importações realizado pelas indústrias da região.

Tabela 6 - Indicadores referentes às indústrias têxteis no Vale do Itajaí\* - 1990-2000  
(em US\$ milhões)

Ano	Investimentos	Importações em máquinas
1990	94.965	89.434
1991	175.057	65.147
1992	89.531	56.570
1993	90.090	29.467
1994	134.691	47.382
1995	174.000	29.000
1996	73.000	25.000
1997	70.000	25.000
1998	132.000	43.000
1999	150.000	50.000
2000	150.000	85.000

Fonte: Raulino (2008) Adaptado pela autora.

\*Empresas situadas na área do SINTEX

Apesar de todos os incentivos para o aprimoramento do parque fabril, através das importações de máquinas têxteis mais baratas e acessíveis, além de insumos e matérias primas, muitas indústrias não resistiram ao remodelamento e a concorrência internacional e procuraram alternativas para se preservar diante da situação, como direcionar a produção para o mercado externo.

Muitas dessas grandes empresas exportavam parte de sua produção, sendo que a obtenção dessas máquinas e equipamentos mais modernos poderia contribuir para o desenvolvimento da indústria. O objetivo seria produzir de forma mais rápida e produtos que possuíssem qualidade superior ao que era produzido com as antigas máquinas. Uma alternativa encontrada pelos empresários que estavam receosos diante da redução do consumo brasileiro direcionaram os artigos têxteis e de vestuário para o exterior. (LUCLKTENBERG, 2004)

De acordo com a tabela 07 é possível perceber o crescimento do número de exportações até o ano de 1994. De acordo com informações obtidas em Luclktenberg (2004),

a empresa Sulfabril ampliou em 700% suas exportações de um ano para outro, a Buettner exportava no início da década cerca de 30% da produção, e a Karsten 60% da produção.

Tabela 7 - Exportações da indústria têxtil e vestuarista no Vale do Itajaí. 1990-2000

Ano	Exportações (mil dólares)
1990	218.410
1991	252.843
1992	282.138
1993	287.229
1994	321.000
1995	269.000
1996	239.000
1997	242.000
1998	240.000
1999	235.000
2000	280.000

Fonte: Goularti Filho (2007). Adaptado pela autora.

Segundo Goularti Filho (2007), a retração no número de exportações ocorreu a partir de 1995 quando a sobrevalorização cambial decorrente do Plano Real, fato que levou à importação de grande número de produtos acabados dos ramos têxteis e vestuários. A Companhia Hering, por exemplo, no ano de 1992 chegava a exportar em torno de 100 milhões de dólares. Todavia, logo após a entrada de produtos estrangeiros passou a exportar 18 milhões em 1998. Não se tornava mais vantajoso outros países adquirir produtos brasileiros devido à sobrevalorização do real, além do fato de que o Sudeste Asiático passou a produzir e vender têxteis e vestuários mais baratos e, portanto, muitos países passaram a manter relações comerciais com a Ásia.

De acordo com Lins (2000), dentro do contexto em que as empresas da região se encontravam, foram necessárias tomar algumas medidas para o enfrentamento do quadro da década de 1990. Algumas abandonaram linhas de produtos que eram desprotegidos e vulneráveis se comparado à concorrência internacional, visto que muitos eram produzidos a



preços muito inferiores aos brasileiros. Outras decidiram interromper o processo de produção de artigos de vestuário e passaram a trabalhar apenas com a fabricação de malhas e tecidos. Enquanto outras empresas não resistiram à concorrência e acabaram entrando em outros segmentos, ou então desativando suas fábricas.

Segundo Machado (2010), a década de 1990 foi marcada por falências de muitas indústrias na região, além de ocorrer também aquisições por parte das empresas que vigoravam no segmento nessa época, como, por exemplo, a companhia Hering, que acabou por negociar e vender sua unidade produtiva que possuía no estado de Pernambuco.

As falências; reduções com os custos para manter as empresas; e a aquisição de máquinas e equipamentos para substituir a mão de obra resultaram na redução do número de empregos da indústria têxtil e vestuarista do Vale do Itajaí, conforme a tabela 07. Essa diminuição no quadro de funcionários recaiu boa parte sobre as grandes indústrias da região. Segundo Goularti Filho (2007, p. 327):

“A Hering, que em 1986 empregava 12.500 trabalhadores, e em 2000 passou para 4.000; a Artex, no mesmo período, passou de 5.000 para 1.700; a Fábrica de Tecidos Carlos Renaux, de 1.400 para 900; a Cremer, de 2.400 para 1.200; e a Sulfabril, de 4.700 trabalhadores em 1986 passou para 1.300 em 2000. Segundo o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de Blumenau, no período de 1992 a 1999, foram demitidos, sem novas contratações, 11.348 trabalhadores”.

Tabela 8 - Desempenho da indústria têxtil e vestuarista do Vale do Itajaí - 1990-2000

Ano	Emprego	Produção (toneladas)	Faturamento
1990	51.000	102.000	1.733.947
1991	48.000	94.000	1.317.629
1992	48.000	93.190	1.066.162
1993	48.000	96.000	1.287.305
1994	48.000	120.000	1.707.000
1995	41.000	120.000	1.760.000
1996	41.000	123.000	1.825.000
1997	38.000	107.000	1.917.000
1998	45.000	112.000	1.850.000
1999	46.000	245.280	1.950.000
2000	56.000	268.000	2.400.000

Fonte: Goularti Filho (2007); Raulino (2008). Adaptado pela autora.

Ao longo dos anos da década de 1990, apesar de fatores políticos e econômicos como a abertura da economia, a implantação do Plano Real na metade da década e a necessidade de reestruturação produtiva no setor, o faturamento das indústrias não foram afetados por um longo período de tempo, como pode ser observado na tabela 08. No período entre 1990 e 1993, quando houve uma diminuição de quase 63% no faturamento, foi onde se observou maior impacto sobre as indústrias do setor. Todavia altos investimentos realizados através de financiamentos para a modernização do parque fabril, adoção de novos processos gerenciais e cortes com gastos, permitiram a essas indústrias retornar o faturamento ao seu patamar anterior obtendo um aumento próximo a 40% com relação ao início da década.

Com relação aos valores observados da produção, o que se viu foi um acompanhamento dos dados apresentados pelo faturamento, uma queda entre 1990 e 1992, devido às adaptações que as indústrias do setor foram forçadas a fazer diante do aumento da concorrência internacional com a abertura comercial. Após esse período, a produção voltou a subir fechando o ano de 2000 com mais que o dobro da produção apresentada em 1990.

Embora se observem dificuldades na produção e faturamento ao longo da década, o pior quadro ficou a cargo das demissões em massa. Esse fator abriu portas para o

fortalecimento das terceirizações, através de facções que expandiram no período, que segundo Jinkings (2002, p 77):

“A costura é o setor mais intensivo em força de trabalho do setor têxtil. Portanto, à luz das estratégias de contenção de custos das grandes empresas, é também a área mais terceirizada na linha de produção da indústria têxtil catarinense. É muito comum a constituição de empresas (micros, pequenas e médias) que prestam serviços para as grandes deste setor. É o que se chama de “facção” em Santa Catarina”.

Até 1990 boa parte das grandes empresas têxteis da região do Vale do Itajaí eram verticalmente integradas. Porém, com a adesão da reestruturação produtiva e a necessidade de redução dos custos, muitas desverticalizaram sua produção com a adoção do sistema de terceirização através da contratação de facções, culminando assim, na propagação de micro e pequenas empresas, tanto nos municípios onde residem as grandes indústrias como nos municípios que cercam a região. Essas micro e pequenas empresas eram tanto formais como informais, e formadas pela mão de obra advindos de fechamentos e demissões, visto que esses trabalhadores possuíam vasta experiência no ramo e, portanto, decidiram montar seus próprios negócios, passando assim a oferecer seus serviços, principalmente de costura para as grandes indústrias da região. (SIEBERT, 2006; RAULINO, 2008)

Jinkings (2002, p. 45), também reforça que o aumento dessas micro e pequenas empresas ocorreram por conta do quadro de demissões das grandes indústrias da região:

“O crescimento explosivo de micro e pequenas empresas têxteis na década de 1990 pode ser pensado como consequência da expulsão de enorme contingente de trabalhadores do mercado formal de trabalho e das tentativas desses trabalhadores de se reinserir no mercado, agora na condição de autônomos”.

Como já mencionado, com a desverticalização das médias e grandes indústrias têxteis, houve o crescimento do número de facções na região, principalmente em municípios vizinhos. Por ser uma atividade que requer baixa quantidade de capital, essas facções se tornaram oportunidades para a mão de obra local, visto que já possuíam experiência e conhecimentos neste ramo. (CAMPOS et al, 2000)

Para Machado (2010), o aumento dessas pequenas empresas ocasionou numa alteração na forma como é vista a cadeia produtiva têxtil da região. Essas empresas menores passaram a ser reconhecidas como primordiais para as grandes, visto que terceirizavam/subcontratavam a produção e reduziam seus custos, podendo assim se manter no mercado.

De acordo com estudos realizados por Lins (2000) na região, no segmento de artigos de cama, mesa e banho era necessário o uso de máquinas de alto valor, por isso precisavam ser intensivas em capital, o que contratavam então apenas terceirizadas/subcontratadas para realizar a etapa da costura desses artigos, e a revisão de peças com defeito. Já as grandes empresas do ramo de artigos de malha como vestuário terceirizavam/subcontratavam para a produção. De acordo com a pesquisa obtida em Lins (2000), dentre as atividades que mais eram terceirizadas pelas grandes empresas, destaca-se a costura, tanto com o processo total da facção ou parcial, o tingimento, bordado, acabamento, estamparia e corte, entre outros.

Segundo Jinkings (2002), a recuperação do setor têxtil se deu a partir de janeiro de 1999 quando ocorreu a desvalorização do câmbio, resultando assim na diminuição de produtos estrangeiros que adentravam no país e melhorando o quadro das exportações, fazendo com que as indústrias da região pudessem competir com as empresas do exterior. Entre 1999 e 2000 o número de exportações realizado pelas indústrias têxteis da região do Vale do Itajaí aumentou em média 12%. O número de pessoas empregadas na região também cresceu.

Essa retomada ocorreu, em boa parte, nas grandes indústrias da região. De acordo com estudos de Jinkings (2002), as empresas Hering, Karsten e Teka de Blumenau operavam em prejuízo no final dos anos 1990, porém reduziram o endividamento, cresceram no número de produção e geraram novos empregos. O mesmo ocorreu com a Buettner de Brusque, que passou a retomar os lucros em 1999 e aumentar o quadro de funcionários da empresa. Os altos endividamentos das indústrias têxteis da região que acabaram dificultando a retomada do crescimento.

Apesar dos reflexos extremamente negativos que o polo têxtil e vestuarista do Vale do Itajaí sofreu, ocorreu a estabilização do setor no início dos anos 2000 onde as grandes empresas passaram a recontratar funcionários e ampliar novamente as fábricas, visto que algumas haviam fechado. Assim como houve retomada das grandes indústrias, ocorreu também um aumento significativo das pequenas e médias empresas na região que, conforme Machado (2010), entre os anos de 2000 e 2005 foi registrado um aumento de 31,15% na quantidade de estabelecimentos do setor no estado de Santa Catarina, refletindo sobretudo na região do Vale do Itajaí.

“No curso destes acontecimentos, foi-se multiplicando o surgimento de empresas têxteis nas localidades de Blumenau, Brusque, Gaspar, Indaial, Timbó e Jaraguá do Sul, cuja trajetória de crescimento conduziu a constituição do maior aglomerado industrial têxtil-vestuário do sul do país e o terceiro maior produtor nacional. Assim, das principais empresas pioneiras do século XIX, Hering (1880), Karsten (1882) e Renaux (1892), surgiram nos anos 1900 empresas de destaque como a Cremer (1935), Teka (1936), Artex (1936), Sulfabril (1947), Dudalina (1957), Marisol (1964) e Malwee (1968). Sendo que, atrelado a este movimento, na região do Vale do Itajaí criaram-se inúmeras pequenas e médias empresas que se beneficiavam das sinergias existentes colocadas em termos de um contingente de trabalhadores com conhecimentos têxteis, baixo volume de capital requerido à entrada na indústria para pequenos empreendimentos, tecnologia conhecida e difundida etc”. (CAMPOS et al, 2000, p. 27)

Esse aumento de estabelecimentos, tanto atuando de forma terceirizada/subcontratadas, como sustentados pela mão de obra que havia sido demitida das grandes indústrias, foram crescendo em volta dos grandes municípios têxteis da região, especialmente Blumenau e Brusque. O que gerou mais empregos, renda, produção e crescimento à região, como por exemplo, ao município de Ilhota, que entrou no ramo de confecções, no segmento de Moda Praia e Moda Íntima, no final do século XX decorrente da crise do setor têxtil, e será assunto para o próximo capítulo.

## **4 O DESENVOLVIMENTO DO SETOR TÊXTIL NO MUNICÍPIO DE ILHOTA À LUZ DO PROCESSO DE REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA OCORRIDA NO VALE DO ITAJAÍ**

Este capítulo está estruturado em cinco seções. Na primeira seção é realizado um pequeno resumo da localização geográfica do município de Ilhota, seu processo de colonização no município e as principais atividades econômicas.

A segunda seção aborda o surgimento da primeira confecção de Moda Praia e Moda Íntima no município de Ilhota no final da década de 1980, destacando a situação econômica do município naquela década.

Na terceira seção discute-se a consolidação das confecções de Moda Praia e Moda Íntima no município de Ilhota, bem como o crescimento e desenvolvimento das mesmas a partir da reestruturação produtiva ocorrida nas grandes indústrias têxteis de Blumenau e região.

Em consequência a esse crescimento do município de Ilhota através das confecções, analisa-se na quarta seção dados e informações da participação do segmento Moda Praia e Moda Íntima na economia do município.

Por fim, na quinta seção apresentam-se as perspectivas para esse segmento econômico nos próximos anos.

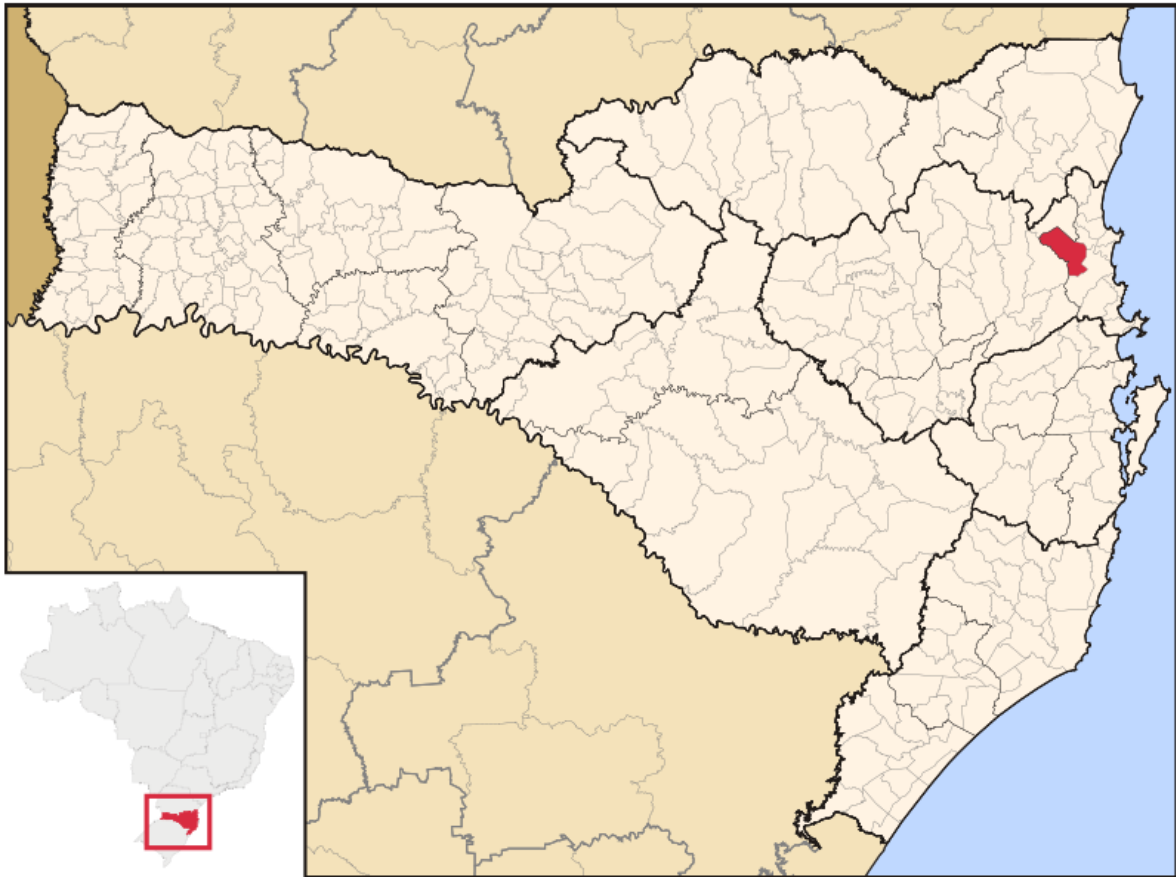
### **4.1 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DA COLONIZAÇÃO DE ILHOTA E AS PRINCIPAIS ATIVIDADES ECONÔMICAS DO MUNICÍPIO**

#### **4.1.1 Localização geográfica e colonização**

O município de Ilhota, localizado na Mesorregião do Vale do Itajaí no estado de Santa Catarina, possui 13.857 mil habitantes, de acordo com a estimativa de 2017 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Quanto a colonização do município de Ilhota, se deu de forma diferente do entorno da região do Vale do Itajaí, como nos municípios de Blumenau e Brusque que foram colonizados por alemães em 1850 e 1880 respectivamente.

Figura 3 - Localização geográfica do município de Ilhota no estado de Santa Catarina



Fonte: Wikimedia, 2006

Ilhota foi colonizada por imigrantes advindos da Bélgica, que chegaram ao município de Ilhota em 1842, anos antes ainda da primeira colônia alemã se instalar no Vale do Itajaí. A iniciativa partiu de Charles Maximiliano Luiz Van Lede, o “idealizador do projeto de uma próspera colônia belga no Brasil<sup>2</sup>”. (METTE e SOUZA, 2009, p. 25) Após trâmites burocráticos a colônia foi oficializada em 1844, e com isso imigrantes da Bélgica passaram a chegar na região. Inicialmente começaram a desmatar o local para a construção de suas residências e se instalarem na região. Foi um período marcado por um árduo trabalho, além da adaptação ao clima quente da região, visto que a Bélgica é conhecida por ser um país com baixas temperaturas.

O idealizador da colônia acabou retornando para seu país de origem, o que resultou em uma série de conflitos e desacordos entre os imigrantes que estavam na região. A maioria desses trabalhadores eram agricultores e pobres, fazendo se perder o controle da colônia, que se desestruturou. (METTE e SOUZA, 2009).

<sup>2</sup> O objetivo não se concretizou e Ilhota acabou sendo reconhecida como a única colônia Belga no Brasil.

Muitos colonos belgas acabaram deixando o local, ficando apenas algumas famílias que trabalhavam e se sustentavam através da agricultura. Mais tarde deram início aos primeiros armazéns na quais comercializavam arroz, açúcar, café e carne. Não havia estradas que ligavam Ilhota a outros locais, apenas à Itajaí. (PREFEITURA MUNICIPAL DE ILHOTA).

Segundo Mette e Souza (2009, p. 187):

“Foram os colonizadores de Blumenau que, no século passado, abriram a picada em meio ao mato acompanhado pela margem o percurso do rio Itajaí-Açú, unindo o antigo vilarejo de imigrantes alemães à cidade portuária de Itajaí. De início era um acidentado e estreito caminho, pelo qual só passavam alguns tropeiros e carroças. Para agilizar os contatos com os itajaienses e com o porto - indispensável para manter as relações com a Europa - e incrementar o comércio de produtos da colônia, o pioneiro Hermann Blumenau, decidiu, entre 1864 e 1865, melhorar as condições da rota, ampliando-a e dando as características de uma precária, porém útil estrada”.

Ilhota se tornou município no ano de 1958 e possuía uma economia baseada apenas no cultivo e comercialização de agricultura, não se desenvolvendo muito ao longo dos anos. A água encanada, energia elétrica e televisão chegaram ao município apenas na década de 1970.

Já entre as décadas de 1980 e 1990 Ilhota passou a receber um número maior de habitantes por conta de uma atividade econômica que chamou a atenção. Segundo Abreu (2008), Ilhota recebeu muitos trabalhadores em busca de explorar a terra atrás de metais preciosos, em especial o ouro. Os moradores da região chamaram esse período de “Febre do Ouro”, visto que muitas pessoas de outros estados do Brasil foram em busca de melhorar suas vidas através da atividade garimpeira. Porém, ao chegarem em Ilhota a realidade era outra. Mas mesmo assim, muitos acabavam permanecendo no município e trabalhavam de empregados, principalmente na agricultura.

#### **4.1.2 Estrutura econômica do município de Ilhota**

A agricultura em Ilhota é uma das principais formas de subsistência dos moradores nas zonas rurais do município, sendo que a produção agrícola ocupa 70% de área total. Município dotado de terras férteis e de boa localização geográfica e com bom escoamento da produção com proximidade dos portos nos municípios de Itajaí e Navegantes e do aeroporto em Navegantes.



Entre os produtos cultivados em Ilhota destacam-se o arroz irrigado que chega a produzir média de 550 mil sacas por ano, sendo o segundo maior produtor de arroz entre onze cidades do Vale do Itajaí. A produção do palmito, em que o município de Ilhota se encontra entre os dez maiores produtores do Brasil e a bananicultura apresentam papel importante para a economia do município.

A produção de banana apresenta destaque pela qualidade do produto, comercializando em grandes centros regionais como Blumenau, Itajaí, Florianópolis, além de outros estados e até alguns outros países do Mercosul. Embora a produção da Banana no município não esteja entre as maiores do Estado, como Luiz Alves e Corupá, o município destaca-se pelo rendimento da sua produção, tendo uma relação entre hectares plantados e toneladas produzidas muito mais significativos que outras cidades produtoras. (CRUZEIRO DO VALE, 2014, PIMENTEL, 2006).

A Pecuária também possui papel importante no setor agrícola com cerca de 20 mil cabeças de gado distribuídas em mais de 500 propriedades, seguido da produção de piscicultura e avicultura, porém estas de menor expressão. O problema maior observado na agricultura, todavia, é a falta de continuidade da produção, visto que, os jovens têm optado pela vida urbana, que apresenta um leque maior de oportunidades, principalmente por meio dos estudos. De cada dez jovens no município apenas um acaba seguindo o ramo da agricultura (CRUZEIRO DO VALE, 2014) demonstrando que assim como outros municípios Ilhota também vem passando por uma transformação gradativa, diminuindo a atividade rural dificultando a continuação da produção e um possível fortalecimento do setor. Esse movimento de êxodo das atividades rurais além de levar jovens para municípios vizinhos também suscitou crescimento no setor industrial de Ilhota a partir da produção e comercialização de artigos de vestuário.

Segundo (COIROLO, 2012) a economia do município de Ilhota era ainda no final da década de 1980 baseada nas atividades do setor da agroindústria, enquanto nos municípios ao redor eram altamente desenvolvidos no setor têxtil e de vestuário. Foi então no ano de 1987 que surgiu a primeira confecção de moda praia no município, antes mesmo da crise da indústria têxtil do Vale do Itajaí.

Essas atividades ligadas ao setor têxtil-vestuário movimentam fortemente a economia de Ilhota desde a década de 1990 e atualmente empregam o maior contingente de mão de obra formal do município. O setor de serviços ligado a comercialização direta da produção de moda praia e moda íntima tem papel de importante no desenvolvimento econômico do município. As indústrias do município aproveitam da localização geográfica às margens da

estrada que liga Itajaí até Blumenau para comercializarem produtos direto de fábrica com preços atraentes.

Segundo relatório do Ministério da Fazenda do Estado de Santa Catarina de 2015 no setor de serviços além do comércio varejista e atacadista de produtos do vestuário destacam-se também no Valor Adicionado de Ilhota a comercialização de produtos de pescados, transporte rodoviário de carga e comércio de peças e acessórios para veículos automotores. Cada um desses setores, dado suas proporções, exercendo seu papel na dinamização econômica do município.

#### 4.2 SURGIMENTO DO SEGMENTO MODA PRAIA E MODA ÍNTIMA NO MUNICÍPIO DE ILHOTA

O início da história têxtil de Ilhota começou a partir da industrialização protagonizada pelos imigrantes alemães no município de Blumenau, onde a região passou a ser considerada uma potência para o estado de Santa Catarina no âmbito industrial. As grandes empresas de Blumenau necessitavam de mão de obra não apenas do município, mas também da região e, portanto, passaram a fornecer ônibus para buscar os trabalhadores, especialmente nos municípios de Gaspar e Ilhota. (SANTOS e SOUZA, 2006). Segundo moradores e empresários da região que trabalhavam nas indústrias têxteis de Blumenau, empresas como Hering e Sulfabril passaram a disponibilizar esses ônibus a partir do final da década de 1970. Além de buscarem os funcionários nos bairros próximos ao centro, ônibus também eram fornecidos para buscar trabalhadores em bairros mais afastados como a região do Baú, localidade rural que fica no outro lado do Rio Itajaí-Açu, rio que corta os municípios da região, dividindo entre margem esquerda e margem direita. Até então, a população principalmente rural de Ilhota trabalhava nas atividades agrícolas da família e, portanto, a possibilidade de se deslocar até as empresas de Blumenau abriram as portas para novas oportunidades de emprego.

Com a abertura da economia no início da década de 1990 e os impactos negativos na indústria da região diante da competitividade dos artigos têxteis e de vestuário internacionais, que adentravam no país a preços muito mais baixos que os brasileiros, uma parte da força de mão de obra local acabou sendo substituída pelas máquinas mais modernas, resultando então, em um quadro de demissões do setor, afetando diretamente os trabalhadores do município de

Ilhota que dependiam das indústrias têxteis de Blumenau para o sustento de suas famílias (SANTOS e SOUZA, 2006).

A partir dessas demissões ocorridas nas indústrias blumenauenses, a mão de obra principalmente formada pela classe trabalhadora feminina aproveitou as experiências adquiridas no ramo de costura, e passaram a montar fábricas em suas próprias residências, terceirizando a produção, que como abordado no capítulo anterior foi uma forma das indústrias de Blumenau se manterem no mercado. Algumas indústrias forneciam as máquinas de costura, e, portanto, com pouco capital conseguiam montar suas fábricas onde trabalhavam as mulheres de uma mesma família. Eram relações sem vínculos empregatícios e conseqüentemente, se diminuía a demanda por artigos têxteis e de vestuário das grandes indústrias, refletiam na produção das fábricas que não ganhavam salários fixos. (SANTOS e SOUZA, 2006).

Em uma conversa realizada com a idealizadora da primeira confecção do município de Ilhota, a família na época possuía uma cerâmica, onde empregava muitos trabalhadores do município, e a idealizadora dispunha em sua própria residência um espaço onde alugava trajes de noiva. A ideia era empreender em outro segmento, e nessa mesma época havia inaugurado uma confecção de moda praia em Gaspar, município vizinho, surgindo assim a ideia de apostar nesse segmento, visto que era um artigo de baixa competitividade na região. A confecção de moda praia iniciou em julho de 1987 na própria residência da família, e para a produção contava com 2 costureiras e 3 máquinas de costura, sendo uma reta, uma overlock e uma máquina de passar elástico. Como forma de divulgação da marca na época, a empresa realizava eventos e feiras e assim, passou a ser conhecida na região.

Na época a matéria prima para a confecção era comprada no município de Blumenau, mas na década de 1990 com o fortalecimento e crescimento da empresa, os empresários passaram a viajar para São Paulo em busca de tecidos e estampas diferenciados e a preços mais baixos. Com o aumento de confecções no município começaram a surgir os representantes que abasteciam essas confecções.

De acordo com a entrevistada, no final da década de 1980 os habitantes de Ilhota viviam de plantações, como o arroz, e eram empregados de fábricas de cerâmica, mas a maioria trabalhava nas cidades vizinhas, em fábricas de plásticos e principalmente de artigos têxteis. Após o nascimento da primeira confecção do segmento moda praia no município, demorou três anos até uma nova confecção surgir no município, apostando também no mesmo segmento em 1989.

#### 4.3 DESENVOLVIMENTO E CONSOLIDAÇÃO DO SEGMENTO MODA PRAIA E MODA ÍNTIMA DE ILHOTA A PARTIR DE 1990

O crescimento no número de empresas do segmento Moda Praia e Moda Íntima no município de Ilhota ocorreu a partir do início da década de 1990. Segundo relatos, os artigos eram bem feitos e agradavam tanto o público do varejo como do atacado, sendo assim, outras pessoas acompanhavam o crescimento e acabava por investir no ramo também.

Segundo Santos e Souza (2006), a Associação Comercial e Industrial de Ilhota – ACIL-IL foi criada em 1992, visto que era crescente o número de indústria e comércio no município na década, fazendo-se necessário um órgão que oferecesse suporte às empresas entrantes no novo mercado. Essa associação incentivou e contribuiu para o crescimento da indústria em Ilhota. Investiam na qualificação da mão de obra dos trabalhadores, além de manter parcerias com órgãos estaduais com o objetivo de diversificar a produção e propagar a mesma para outros locais.

As confecções que abriram no final da década de 1980 haviam apostado apenas no segmento de Moda Praia, porém as vendas eram sazonais e ocorriam apenas em épocas quentes do ano e quando os moradores de outros municípios passavam pela rodovia do município em direção ao litoral, e, por isto, era necessário apostar em outros segmentos para se manterem economicamente nas estações frias do ano.

Foi então que em 1991 surgiu a primeira empresa em Ilhota do segmento de Moda Íntima. As vantagens eram que a qualificação da mão de obra utilizadas na costura, modelagem, design e matéria prima eram parecidas com o segmento Moda Praia, além de que apostar nesse setor ajudaria a movimentar a economia do município em todas as estações do ano. Nesse mesmo ano uma nova empresa nesse segmento abriu suas portas, e nos anos subsequentes, crescia o número de novas empresas no município, tanto no segmento Moda Praia como Moda Íntima.

De acordo com os dados de Rigon (2002) foi possível montar uma tabela contendo o ano de criação, nome e segmento das indústrias pioneiras do município de Ilhota entre os anos de 1986 e 1995. No início eram empresas que apostavam apenas em um segmento, porém, com o passar dos anos grande parte delas adotou a confecção dos dois segmentos, sendo assim nos períodos mais quentes lucravam com a Moda Praia e no restante do ano trabalhavam com o segmento Moda Íntima.

A tabela 9 mostra que em um período de nove anos, dezoito empresas abriram suas portas no município. O crescimento das pioneiras e o sucesso dos artigos na região chamavam a atenção e atraíam novos empresários nesse setor de atividade.

Tabela 9 - Ano da fundação e segmento das indústrias pioneiras De Ilhota – Santa Catarina (1986-1995).

Ano da fundação da Empresa	Segmento <sup>3</sup>
1986	Moda Praia
1989	Moda Praia
1990	Moda Praia
1991	Moda Íntima Moda Íntima
1992	Moda Praia e Íntima Moda Íntima Moda Íntima Moda Praia
1993	Moda Íntima
1994	Moda Praia Moda Praia Moda Praia e Íntima Moda Íntima Moda Íntima
1995	Moda Íntima Moda Íntima Moda Íntima

Fonte: Rigon (2002). Adaptado pela autora

<sup>3</sup> O segmento corresponde a qual cada empresa entrou no mercado, e cada linha representa uma empresa. Em 1991, por exemplo, havia duas empresas no município, ambas no segmento moda íntima.

Porém, o ‘boom’ dessas empresas ocorreu a partir de 1994. Através de conversas com os empresários da região que investiram nesse segmento na época, grande parte deles comentou que o crescente aumento em 1994 se deu por conta das demissões ocorridas nas grandes indústrias têxteis e do vestuário de Blumenau. Através das experiências obtidas nas empresas, principalmente através da costura, investiam um pequeno capital e passaram a apostar no crescimento e lucratividade do setor no município. As confecções dos anos 1990 empregavam boa parte do quadro de funcionários demitidos, sendo que uma das soluções encontradas foi utilizar o conhecimento aprendido para investir em Moda Praia e Moda Íntima de Ilhota.

Paralelo ao aumento das confecções de Moda Praia e Íntima, foi crescente também o número de fábricas no município que trabalhavam de forma terceirizada para as grandes empresas de Blumenau como já mencionado anteriormente. Segundo Santos e Souza (2006) em entrevista realizada com facionistas da região, muitas delas alegavam que apesar do árduo trabalho, e de receber pouco em períodos de baixa da produção, era vantajoso poder trabalhar em sua própria residência, visto que não precisavam utilizar transporte para ir todos os dias em direção à Blumenau.

Apesar das grandes empresas têxteis residentes no Vale do Itajaí enfrentarem uma crise por conta da abertura da economia, fazendo-se necessário todo um processo de reestruturação produtiva na década de 1990. O fechamento de fábricas, o aumento dos investimentos em máquinas e equipamentos que como consequência levaram à redução do número de funcionários em suas empresas, o momento acabou servindo de impulso para alavancar o setor de Moda Praia e Moda Íntima no município de Ilhota.

Muitos empresários atuais acabaram por entrar no segmento após serem demitidos das grandes empresas apostando no crescimento do setor em Ilhota. Lins (2000) comenta que o segmento *lingerie* ficou protegido diante da concorrência internacional. Boa parte de insumos e vestuário importados na década de 1990 eram o algodão, fios, tecidos e roupas de malha, e por isto, de acordo com a precursora da primeira confecção do município, o segmento de Moda Praia e Íntima de Ilhota não foi tão afetada diante da entrada de produtos estrangeiros, havendo apenas uma retração no consumo em determinados períodos, mas nada que impactou fortemente o município. Como ainda eram empresas familiares e atendiam apenas a demanda da região e não necessitava grandes investimentos em máquinas para a confecção, o segmento não foi muito afetado.

Até final da década de 1990 surgiram mais confecções nesse ramo, contribuindo para o crescimento econômico do município, além do aumento da geração de empregos. Relatos de

moradores que frequentavam a região nessa época é de que “*hora ou outra*” era notável o surgimento de mais uma confecção e comércio no centro da cidade. Que além de produzirem as peças, ao mesmo tempo montavam uma loja para revender. Nesse período iniciou também o processo de exportação das peças, principalmente tanto de Moda Praia como Moda Íntima, mas a produção no final da década de 1990 segundo Bento (2001) era destinada principalmente ao mercado de São Paulo e sul do país.

A localização estratégica do município permitiu também o crescimento do número de confecções e comércio do segmento Moda Praia e Moda Íntima. A população dos municípios de Pomerode, Timbó, Indaial, Blumenau e Gaspar, que se desloca para a região litorânea de Santa Catarina, passa por Ilhota, sendo atraída pelos baixos preços, qualidade do produto e vitrines com produtos diferenciados, visto que todo o comércio se encontra às margens da rodovia que corta o município.

No ano de 2002, após o destaque tanto no âmbito regional como nacional no setor de turismo de compras de Moda Praia e Moda Íntima, e o aumento de confecções e comércio neste segmento “o município recebeu do governo do Estado o título de A Capital Catarinense de Moda Íntima e Moda Praia. Outorgado pela lei nº. 12.473, de 11 de dezembro de 2002” (COROLO, 2012, p. 116). Esse título deu uma relevância maior ainda ao município que passou a receber ainda mais turistas na região, atraídos pelos preços e qualidade, vendendo tanto no varejo como atacado, sendo assim, reconhecido nacionalmente.

De acordo com o Jornal Cruzeiro do Vale (2014), no ano de 2002 após Ilhota receber o título, incentivou muitos empresários a investirem no ramo com a abertura de novas confecções e lojas. O título também abriu portas para o crescimento da mão de obra empregada, além de maior demanda de fornecedores que passavam na região vendendo insumos e materiais diferenciados para a confecção. Após o reconhecimento das confecções ocorreu outro ‘boom’ de novas entrantes no mercado de confecções de Ilhota.

Segundo Guesser (2008), após a conquista do título surgiu a ideia de organizar um evento na qual pudesse divulgar ainda mais o comércio do município através de desfiles das marcas. No ano de 2008 a Feira de Tendências da Moda Íntima e Praia - DELAMIP foi considerada a maior desse segmento no estado se tornando uma feira de negócios na qual participam empresários de todo o Brasil.

Um obstáculo enfrentado pelas confecções da região nessa época era a falta da mão de obra no município. Muitos jovens deixaram de trabalhar nesse segmento para se deslocar principalmente para Blumenau e Itajaí, com o objetivo de cursar o ensino superior e ter melhores oportunidades.

No final de 2008, a região do Vale do Itajaí enfrentou novas enchentes na região. O município de Ilhota foi um dos mais atingidos, onde o centro comercial, casas e vidas foram devastados. O povo da região seguiu resistente, reconstruindo tudo que havia sido perdido. Segundo dados de Lenzi (2010), dois anos após a tragédia, a expectativa do setor era de um crescimento de 25% nas vendas, que contava com uma produção média estimada de 500 mil peças por mês, empregando quase 1.500 funcionários formais e informais.

Após uma conversa informal com o Secretário da Indústria, Comércio e Turismo de Ilhota, o mesmo relatou que a mídia nacional chamou a atenção para o pequeno município, o que atraiu muitos turistas para a região. Houve também um crescimento de mão de obra após as enchentes, visto que a mídia relatava sobre a necessidade de pessoas para trabalhar na reconstrução do município, e, portanto, muitos se deslocaram apostando que encontrariam trabalho.

O setor Moda Praia e Íntima continuou em expansão no município de Ilhota, principalmente na geração de empregos. Com o crescimento da produção as empresas passaram a expandir suas confecções e contratar mais mão de obra para atender a demanda dos visitantes e lojistas. A divulgação das marcas e grifes do município intensificadas nesses últimos dez anos, deu a Ilhota mais reconhecimento, contribuindo para o crescimento e desenvolvimento. Segundo a prefeitura, o município é classificado como turismo de compras, recebendo muitos turistas todos os anos, e para isso estão sendo realizados investimentos na infraestrutura e estabelecimentos.

Sendo assim, a próxima seção busca analisar a evolução do segmento Moda Praia e Íntima na economia do município de Ilhota, que em 1990 possuía baixa representatividade, e atualmente é o fomentador da economia local, atraindo o público estadual e nacional.

#### 4.4 ANÁLISE DOS DADOS SOBRE MUNICÍPIO DE ILHOTA E SOBRE SEGMENTO MODA PRAIA E ÍNTIMA (1990-2016)

##### 4.4.1 A dinâmica populacional local

Assim como ocorreu no País e no Estado, Ilhota sofreu uma grande migração populacional da área rural para área urbana ao longo das últimas décadas, conforme demonstra a Tabela 10. No ano de 1980 o município tinha uma população urbana de apenas 1.413, que correspondia apenas 17,55% do total, enquanto que no meio rural residia 82,45%



da população total. Assim, grande parte da população vivia com base na produção agropecuária.

A partir do Censo 1991 observa-se uma inversão da predominância da população do meio rural para o meio urbano, indo de encontro ao período de abertura das primeiras indústrias de confecção que fizeram aumentar o emprego na área urbana ao longo dos anos. Em 1991 a população urbana já ultrapassou a população rural, correspondendo a 58,26% da população total do município. Este percentual continuou a aumentar com o passar dos anos, atingindo 60,95% da população total, em 2000, e 63,93%, em 2010.

Tabela 10 - População dividida entre área urbana e área rural do município de Ilhota – SC (1980-2010)

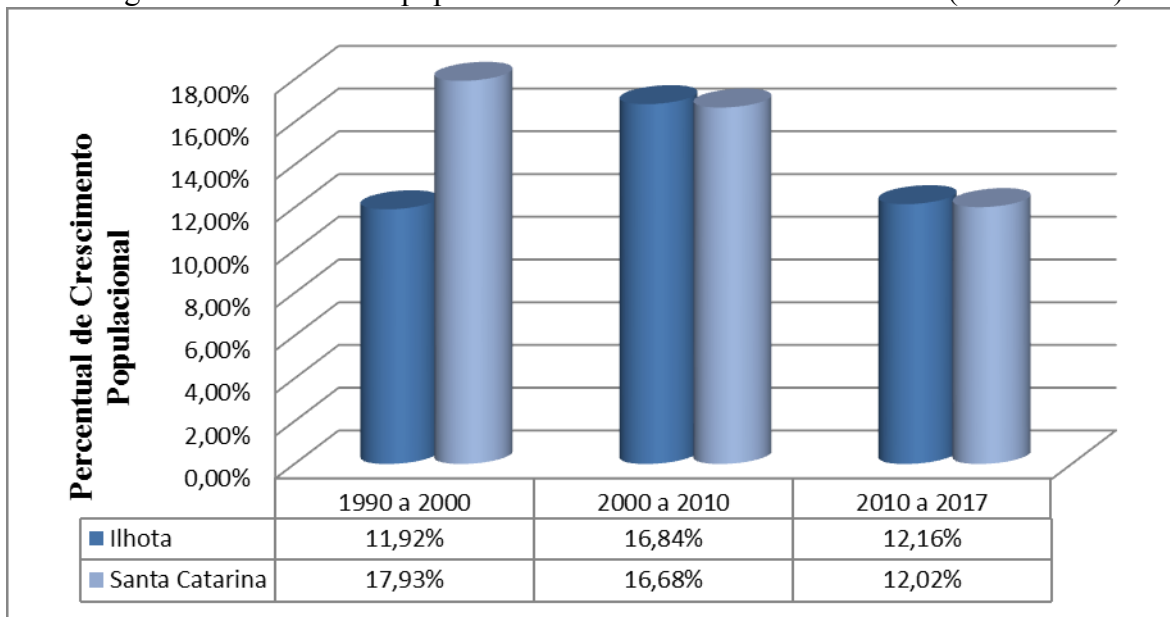
Ano	População Urbana	População Rural	População Total	Percentual Urbano	Percentual Rural
1980	1.413	6.640	8.053	17,55%	82,45%
1991	5.504	3.944	9.448	58,26%	41,74%
2000	6.445	4.129	10.574	60,95%	39,05%
2010	7.898	4.457	12.355	63,93%	36,07%

Fonte: Sebrae, 2013; IBGE vários anos. Elaboração própria.

Mesmo assim, o crescimento populacional do município de Ilhota entre os anos de 1991 e 2000 esteve abaixo do registrado na média do estado, conforme figura 4. Contudo, o aquecimento econômico do município e o aumento do número de empregos provenientes, sobretudo, da indústria têxtil ajudaram a trazer migrantes de outras localidades.

De acordo com o IBGE, no ano de 2005 constatou-se que houve imigração de 2.219 pessoas para o município que não residiam anteriormente em Ilhota, montante esse considerado relevante em relação à população total do município. A partir da década de 2000 Ilhota apresentou uma média de crescimento populacional de acordo com o padrão do estadual.

Figura 4 - Crescimento populacional entre Ilhota e Santa Catarina (1990-2017\*)



Fonte: NECAT, vários anos; IBGE vários anos. Elaboração própria.

\* Estimativa Populacional (IBGE)

#### 4.4.2 A evolução do número de estabelecimentos e do mercado de trabalho do setor têxtil

Em relação à evolução do número de estabelecimentos do setor têxtil no município de Ilhota, o mesmo pode ser observado na tabela 11, que está dividida entre a quantidade de estabelecimentos fabricantes de produtos têxteis e o de confecção de artigos de vestuário e acessórios. Desde a década de 1990 até 2015 predominam no município as micro e pequenas empresas – MPE, e é no segmento de confecção de artigos de vestuário e acessório que concentra a maior fatia de mão de obra.

Em 1990 eram somados ambos os segmentos pertencentes ao setor têxtil, e existiam apenas nove estabelecimentos no município. De acordo com o que foi mencionado anteriormente na tabela 9, até 1990 haviam três empresas do segmento Moda Praia registradas no município, sendo, portanto, o restante das empresas especializadas em produção têxtil.

É a partir de 1995 que se registra o crescente aumento do número de empresas no segmento de confecções. Dentre os 14 estabelecimentos desse ano, 12 são do segmento de confecção de artigos de vestuário. Apesar de até hoje existir um elevado número de confecções trabalhando de forma terceirizada e na informalidade, é crescente o número de empresas registradas em Ilhota a partir da década de 1990.

Tabela 11 - Evolução do Número de Estabelecimentos por segmento do setor têxtil no município de Ilhota segundo Divisão CNAE<sup>4</sup> (1990-2015)

ATIVIDADES ECONÔMICAS	1990	1995	2000	2005	2010	2015
<b>Indústria têxtil do vestuário e artefatos de tecidos</b>						
0 Empregado	1	-	-	-	-	-
De 1 a 4	5	-	-	-	-	-
De 5 a 9	1	-	-	-	-	-
De 10 a 19	1	-	-	-	-	-
De 20 a 49	1	-	-	-	-	-
Total:	9	-	-	-	-	-
<b>Fabricação de Produtos Têxteis</b>						
Tamanho Estabelecimento <sup>5</sup>						
0 Empregado	-	1	-	2		
De 1 a 4	-	1	-	4	3	4
De 5 a 9	-	-	2	5	2	3
De 10 a 19	-	-	-	1	1	-
De 20 a 49	-	-	-	1	1	1
De 50 a 99	-	-	-	-	-	-
De 100 a 249	-	-	1	1	1	1
Total:	-	2	3	14	8	9
<b>Confecção de Artigos do Vestuário e Acessórios<sup>6</sup></b>						
Tamanho Estabelecimento						
0 Empregado	-	1	6	22	11	14
De 1 a 4	-	7	19	48	43	61
De 5 a 9	-	2	9	19	24	19
De 10 a 19	-	1	11	18	7	15
De 20 a 49	-	1	1	13	24	14
De 50 a 99	-	-	-	-	1	2
Total:	-	12	46	121	110	125
<b>Total Geral:</b>	<b>9</b>	<b>14</b>	<b>49</b>	<b>135</b>	<b>118</b>	<b>134</b>

Fonte: RAIS/MTE. Vários anos. Elaboração própria.

<sup>4</sup> Em 1990 era contabilizado a fabricação de produtos têxteis e a confecção de artigos do vestuário e acessórios em uma mesma divisão, porém a partir de 1995 ocorreu a divisão em dois segmentos. Para 1990 foi utilizado IBGE, para 1995, 2000 e 2005 CNAE 95 Divisão e para 2010 e 2015 CNAE 2.0 Divisão.

<sup>5</sup> Quanto ao tamanho dos estabelecimentos, de acordo com o Sebrae: Até 19 – Micro; Entre 20 e 99 – Pequena; Entre 100 e 499 – Média; Acima de 499 – Grande.

<sup>6</sup> Dentre os artigos de confecção do vestuário e acessórios segundo a CNAE, encontrasse a confecção de roupas íntimas, confecção de peças do vestuário exceto roupas íntimas, confecção de roupas profissionais e fabricação de acessórios.

A partir de 1995 com o crescente aumento da mão de obra desempregada nas grandes indústrias têxteis de Blumenau triplica até o ano de 2000 a quantidade de estabelecimentos do ramo têxtil no município de Ilhota, que como já mencionado, muitos investiram e apostaram no crescimento desse setor, observando o sucesso das primeiras empresas no município. Em um período de cinco anos, passou de 14 estabelecimentos para 49, sendo que 93% desses estabelecimentos são do segmento de confecção<sup>7</sup>. Ano a ano o município continuou registrando aumento no número de estabelecimentos, tanto de confecções de Moda Praia e Moda Íntima concomitante ao número de confecções terceirizadas para outras empresas.

O auge da quantidade de confecções foi registrado em 2005, após o município receber o título de capital catarinense de Moda Praia e Íntima, o que atraiu ainda mais empresários para investir nesse setor. Já entre os anos de 2010 e 2015 foi registrada no município uma redução da quantidade de estabelecimentos em relação ao ano de 2005. Segundo entrevistas informais, não há informações de fechamento de confecções e nem crise do setor. A situação pode ser explicada através de dois fatores: a redução de 22 para 11 estabelecimentos com zero empregado<sup>8</sup> no número de confecções e a redução do número de empresas fabricantes de artigos têxteis.

Em relação ao contingente de mão de obra empregada nos segmentos de produção têxtil e confecções de artigos de vestuário e acessórios (tabela 12), o mesmo registrou aumento concomitante ao crescimento do número de estabelecimentos.

Na produção têxtil um único estabelecimento emprega boa parte da mão de obra nesse segmento. Abriu suas portas no final da década de 1990 e em 2015 já registrava um saldo de 220 empregados. É a única empresa de médio porte do ramo têxtil no município atuando com tinturaria e beneficiamento.

Quanto à mão de obra empregada nas confecções, na qual compreende as profissões de costureiros, encarregado de costura, operador de máquina de acabamento, supervisor de confecção, revisor de produção, entre outros, registra-se a maior quantidade de empregos. De 1995 a 2000 o número de empregos formais desse segmento passou de 74 para 254 e entre 2000 e 2005 passou para 528 empregados formais.

---

<sup>7</sup> Cálculo da quantidade de confecções no número de estabelecimentos totais do ramo têxtil.

<sup>8</sup> Autônomos com CNPJ, mas que não possuem funcionários registrados no momento.

Tabela 12 - Evolução do Emprego Formal por segmento do setor têxtil no município de Ilhota segundo Divisão CNAE (1990-2015)

ATIVIDADES ECONÔMICAS	1990	1995	2000	2005	2010	2015
<b>Indústria têxtil do vestuário e artefatos de tecidos</b>						
De 1 a 4	10	-	-	-	-	-
De 5 a 9	7	-	-	-	-	-
De 10 a 19	15	-	-	-	-	-
De 20 a 49	47	-	-	-	-	-
Total:	79	-	-	-	-	-
<b>Fabricação de Produtos Têxteis</b>						
Tamanho Estabelecimento						
0 Empregado	-	-	-	-	-	-
De 1 a 4	-	1	-	4	5	10
De 5 a 9	-	-	13	12	12	18
De 10 a 19	-	-	-	14	19	-
De 20 a 49	-	-	-	44	36	42
De 50 a 99	-	-	-	-	-	-
De 100 a 249	-	-	105	144	172	220
Total:	-	1	118	218	244	290
<b>Confecção de Artigos do Vestuário e Acessórios</b>						
Tamanho Estabelecimento						
0 Empregado	-	-	-	-	-	-
De 1 a 4	-	17	38	78	90	125
De 5 a 9	-	17	59	76	155	144
De 10 a 19	-	11	136	188	97	195
De 20 a 49	-	29	21	186	693	373
De 50 a 99	-	-	-	-	89	120
Total:	-	74	254	528	1124	957
<b>Total Geral:</b>	<b>79</b>	<b>75</b>	<b>372</b>	<b>746</b>	<b>1.368</b>	<b>1.247</b>

Fonte: RAIS/MTE. Vários anos. Elaboração própria

Entre os anos de 2010 e 2015 percebe-se uma diminuição do número de empregados de empresas pequenas e um aumento nas microempresas. Nesse período ocorreu desverticalização da produção, onde as grandes confecções consolidadas da região resolveram terceirizar uma parte da etapa de produção. Apesar de crescer o número de trabalhadores nas microempresas, percebe-se uma diminuição no total de funcionários. Novamente, isso se explica devido ao aumento de fações informais no município. Segundo fontes obtidas nos órgãos de Ilhota, muitos trabalhadores estão saindo das empresas e montando suas próprias

façções em casa, trabalhando principalmente com as etapas de produção de colocação de bojos e acessórios, além do acabamento e revisão das peças.

Quanto a representatividade do setor têxtil no setor secundário do município, é possível observá-la através da figura 5. Optou-se por não utilizar os dados do ano de 1990 visto que os dois segmentos eram representados juntos, e a classificação só mudou a partir de 1995.

De acordo com a figura 5, são as confecções de vestuário que mais se destaca no total de empregos gerados. Em 1995 as confecções representavam 10,47% do total de empregos formais no setor secundário, já em 2000 passou a representar 30,24%.

É importante ressaltar que em 1995 havia 707 empregados no setor secundário total, e apenas 74 na confecção de vestuário. Segundo a Secretaria da Indústria de Ilhota, até final da década de 1990 muitas das confecções ainda não trabalhavam registradas e por isso, o número de empregos e empresas formais eram baixos.

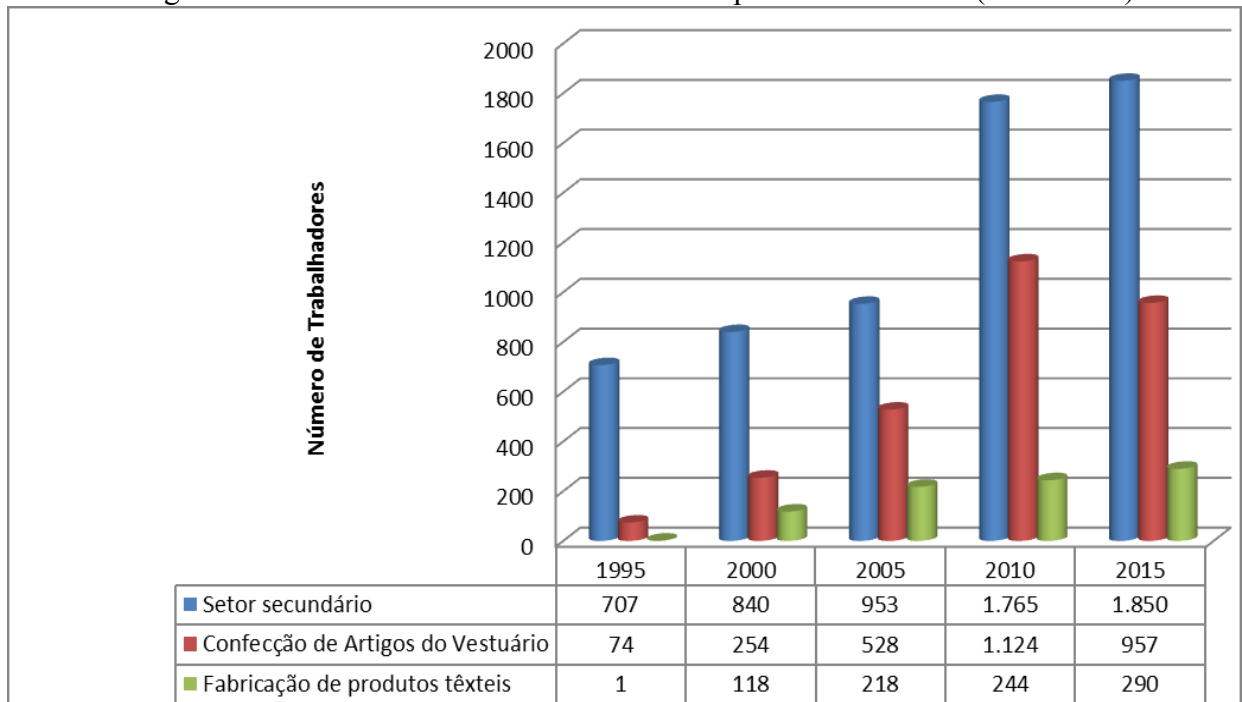
Em 2000, foram criados apenas 133 novos postos no setor secundário como um todo, e no setor de confecções 180 novos postos, o que se percebe, portanto, é um movimento dentro do próprio setor, saindo de um segmento e indo para o de confecções, o mesmo aconteceu na indústria têxtil, que gerou 117 novos postos de trabalho.

Até 2005 era crescente a quantidade de mão de obra na fabricação de produtos têxteis mas com o crescimento do Segmento Moda Praia e Moda Íntima no município o emprego formal desse segmento acabou por se manter praticamente estável, sendo sustentado apenas pela maior empresa de produtos têxteis de Ilhota.

Já em relação às confecções, entre 2005 e 2010, por exemplo, 812 novos postos foram criados no setor secundário como um todo, sendo que 596 desses novos postos são do setor de confecções, o que mostra a representatividade das confecções no município na geração de emprego, apontando que houve um crescimento na produção, fazendo-se necessário expandir os estabelecimentos e empregos no município.

Como já mencionado, em 2002 o governo estadual concedeu o título para Ilhota de Capital Catarinense de Moda Praia e Moda Íntima e, portanto, ocorreu um 'boom' de empregos nessa época. Houve expansão da capacidade produtiva das confecções, empregando assim mais mão de obra pelos empresários, que projetavam uma continuação do crescimento do segmento no município.

Figura 5 - Representatividade dos trabalhadores da fabricação de produtos têxteis e confecção de artigos de vestuário na Indústria total no município de Ilhota –SC. (1995-2015).



Fonte: RAIS/MTE, vários anos. Elaboração própria

Já entre os anos de 2010 e 2015 foi registrado um pequeno aumento no número de empregados do setor secundário se comparado a anos anteriores e um decréscimo no número de empregados nas confecções.

Vários são os fatores dessa queda, destacando-se a instalação de uma empresa do ramo de produtos hospitalares que, segundo o secretário da Indústria, passou a empregar muitas pessoas no município nesse período, principalmente a mão de obra masculina, a qual saiu das confecções para trabalhar com a fabricação de outros produtos. Outro fator citado são os jovens que estão deixando o município em busca de melhores oportunidades em cidades como Blumenau e Itajaí. A terceirização da etapa de costura também foi um fato citado quanto a estagnação da quantidade de mão de obra empregada, uma vez que muitas dessas terceirizações são realizadas por pequenas facções domiciliares que não são registradas no município e, portanto, atuam informalmente.

O que se percebe através da figura 5 é que a confecção de artigos do vestuário contribuiu significativamente para o crescimento do setor secundário do município de Ilhota através da geração de empregos.

#### 4.4.3 O comércio do município de Ilhota

Paralelo às confecções de Moda Praia e Moda Íntima que movimentam a economia de Ilhota, além de outros segmentos que vêm ganhando força no município como pijamas e fitness, se encontram as lojas que comercializam os artigos. De acordo com órgãos do município, praticamente todas as confecções possuem lojas físicas que atendem tanto o público varejo como o público atacado. Portanto, as empresas de Ilhota são caracterizadas por produzir e comercializar suas próprias marcas.

Até final da década de 1990 o município era conhecido na região como ponto de parada pelos moradores de cidades vizinhas que transitavam rumo ao litoral catarinense. Com o comércio localizado à beira da rodovia que passa pelo município, as vitrines chamavam a atenção e a população parava para adquirir os artigos com preços de fábrica, sendo portanto, a Moda Praia o principal produto vendido, visto que o fluxo era mais intenso na estação quente do ano.

A partir da década de 2000 o município passou a ser reconhecido tanto no cenário estadual como nacional, por ser classificado como um dos polos de Moda Praia e Moda Íntima do Brasil segundo Coirolo (2012). Esse reconhecimento levou o município ser destino turístico de compras, passando assim a receber muitos lojistas e consumidores. Foram necessários investimentos na infraestrutura do município para receber os turistas que se deslocam até a região. A prefeitura denomina a rodovia que corta o município como o Corredor da Moda Praia e Moda Íntima, já que praticamente todos os estabelecimentos se encontram ao longo dessa rodovia.

Em uma visita realizada nas lojas de Ilhota, o que se percebeu são os investimentos para atrair os consumidores, estão apostando em espaços diferenciados, como locais para descanso, área kids e área de café, tornando assim o ambiente mais confortável e agradável.

Outro fator que atrai muitos lojistas e compradores no município são as marcas das empresas, visto que atualmente algumas já são consideradas grifes, por serem reconhecidas nacionalmente, sendo através da divulgação em campanhas publicitárias tendo celebridades como propaganda para a marca, ou então através da mídia de televisão. Esse reconhecimento valoriza a marca, o que é um ponto positivo para contribuir ainda mais com o crescimento do município (Cruzeiro do Vale, 2014). Sendo assim, muitos são atraídos para o município com o objetivo de adquirir esses artigos a preços de fábrica. Em visitas realizadas em lojas multimarca fora de Ilhota, percebe-se que os preços desses produtos, especialmente de Moda Praia duplica o valor.



De acordo com dados obtidos junto a órgãos do município, apesar de estados como Rio Grande do Sul e São Paulo serem consumidores dos artigos fabricados em Ilhota e lojas multimarcas no estado de Santa Catarina revender os produtos, o foco das empresas e da prefeitura é no centro comercial do município, com o objetivo de atrair visitantes para o local, movimentando assim a economia.

Uma alternativa utilizada pelas empresas, principalmente que trabalham apenas com a Moda Praia, são as exportações. Segundo uma das empresárias entrevistadas, devido à sazonalidade a empresa optou por trabalhar também com o mercado externo, contribuindo assim para a movimentação da balança comercial do município.

#### **4.4.4 A balança comercial do município e o mercado externo**

Com relação à balança comercial (tabela 13), até 2003 o município exportava altos valores se comparado com os anos posteriores, mas esses valores eram representados em grande parte por uma indústria refinadora de açúcar que fechou suas portas em 2005. Já em relação às importações, como não havia grandes indústrias, comércio e serviço no município, grande parte do que era consumido provinha de Santa Catarina e outros estados do Brasil, sendo baixo o volume de importações realizadas pelas empresas locais.

Quanto aos produtos importados ao longo dos anos, observa-se que a importação de artigos para a confecção no início da década de 2000 eram de etiquetas e acessórios, porém com valores muito baixos. O saldo da balança se manteve positivo na década de 2000. Apenas a partir de 2009, após a construção de uma planta fabril de produtos descartáveis para hospitais, cuja sede localiza-se em São Paulo, observou-se aumentos de insumos utilizados para a fabricação dos produtos hospitalares.

Tabela 13 - Balança Comercial de Ilhota – SC. (Em US\$ FOB)

Ano	Exportação	Var %	Importação	Var %	Saldo
2000	121.463	0,00	99.995	0,00	21.468
2001	2.683.521	2109,33	31.640	-68,36	2.651.881
2002	6.912.961	157,61	-	-	6.912.961
2003	1.110.170	-83,94	32.700	0,00	1.077.470
2004	268.089	-75,85	50	-99,85	268.039
2005	116.827	-56,42	205	310,00	116.622
2006	93.948	-19,58	7.583	3599,02	86.365
2007	350.786	273,38	4.167	-45,05	346.619
2008	84.499	-75,91	-	-	84.499
2009	62.089	-26,52	45.311.698	0,00	-45.249.609
2010	42.147	-32,12	103.338.326	128,06	-103.296.179
2011	28.664	-31,99	66.470.028	-35,68	-66.441.364
2012	79.110	175,99	59.066.573	-11,14	-58.987.463
2013	143.329	81,18	91.129.340	54,28	-90.986.011
2014	713.183	397,58	91.885.090	0,83	-91.171.907
2015	666.902	-6,49	85.046.707	-7,44	-84.379.805
2016	509.833	-23,55	107.381.106	26,26	-106.871.273

Fonte: MDIC. Adaptado pela autora.

Quanto à representatividade do segmento Moda Praia e Moda Íntima na balança comercial, há variações ao longo dos anos. Apesar de ser baixo o valor exportado pelas empresas de Ilhota, o setor ganha destaque internacional, principalmente nos Estados Unidos, país que mais absorve os artigos produzidos no município.

Os anos em que houve maior percentual de exportação de artigos de vestuário, incluindo moda praia, moda íntima, moda masculina, moda infantil e pijamas foram em 2006, 2009 e 2011.

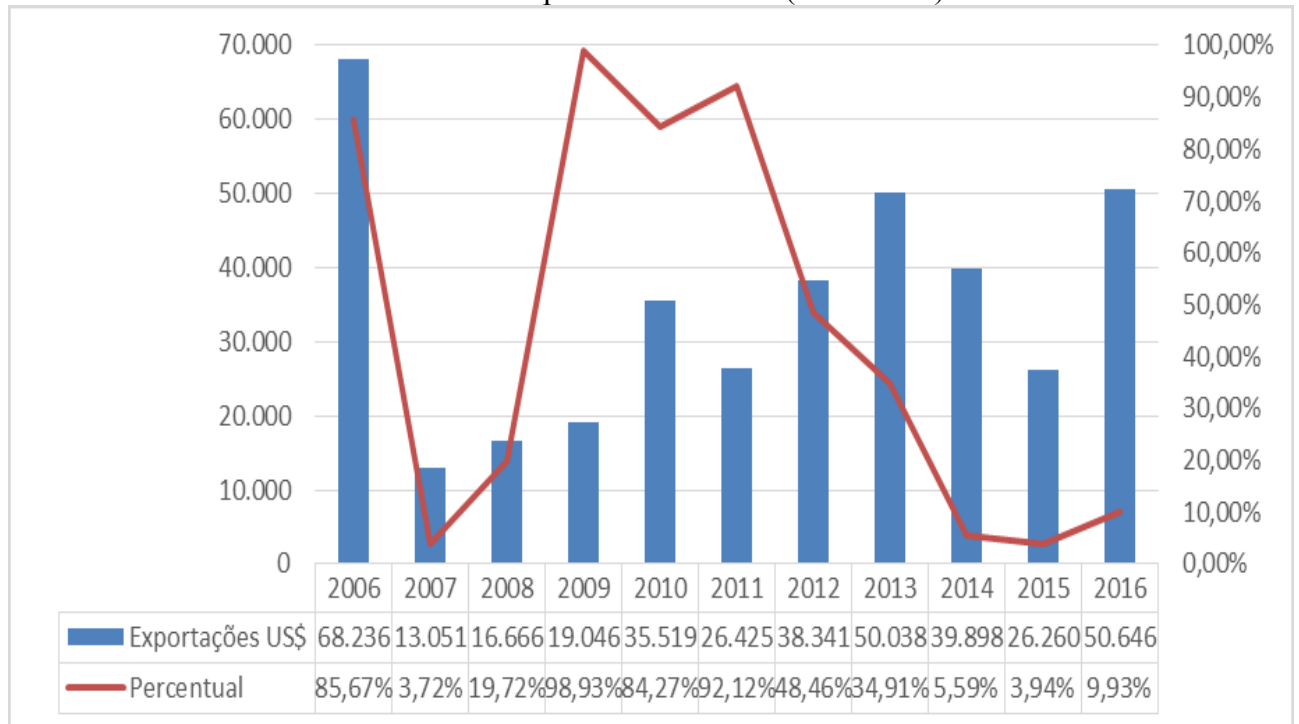
Em 2006, das cinco empresas exportadoras, quatro eram confecções e exportaram 68.236 mil dólares, o que representou quase 86% do total exportado pelas empresas de Ilhota. Em 2006 também foi registrado o maior valor exportado comparado a todos os outros anos.

No ano de 2009 caiu muito o valor de exportações, indo para 19.046, uma queda de 72% se comparado a 2006. Segundo dados obtidos no MDIC, 53% das exportações de Moda Praia e Íntima em 2009 foram destinados aos Estados Unidos.

Segundo empresários, por conta da crise que estava ocorrendo nos Estados Unidos e esse segmento ser classificado como um bem “supérfluo”, o número de artigos absorvidos foi baixo.

Em relação à quantidade total produzida que é exportada pelas empresas, ocorreram variações. Já houve anos em que uma empresa exportou 30% do seu total produzido, e no ano seguinte essa mesma empresa exportou apenas 5%. Em outra empresa pesquisada, geralmente são exportados entre 3% e 5%. Não há um valor exato destinado às exportações.

Figura 6 - Participação do setor têxtil e confecções nas exportações totais da balança comercial do município de Ilhota – SC (2006-2016)



Fonte: MDIC, vários anos. Elaboração própria.

Quanto à demanda estrangeira pelos produtos brasileiros como já mencionado, o principal consumidor é os Estados Unidos, mas são exportados também para a região da América Latina e para países europeus. A Moda Praia é o segmento mais exportado devido à valorização que é atribuída aos produtos por parte do mercado externo. São artigos reconhecidos no exterior pela qualidade, design e comprometimento quanto ao produto que é solicitado.

Exportar também é vista como uma opção para as empresas que atuam apenas no segmento de Moda Praia devido à sazonalidade e isso permite escoar a produção na temporada mais fraca de vendas no sul do país por conta da estação fria.

As exportações desses produtos fomentam a economia do polo de confecções de Ilhota. Apesar de não ser vista por enquanto como uma estratégia escolhida pela empresa para

o crescimento da mesma, “as exportações são oportunidades que surgem”. Por enquanto o foco ainda é no mercado nacional, grande consumidor desse segmento.

#### 4.5 PERSPECTIVAS DO SETOR

Foi a partir da introdução do segmento Moda Praia e Moda Íntima em Ilhota no início dos anos 1990 que o município passou a se destacar nacionalmente. O segmento que iniciou a partir de pequenas confecções montadas nas próprias residências na qual grande parte dos trabalhadores eram advindos das demissões ocorridas nas indústrias têxteis de Blumenau, foi crescendo ano a ano. Hoje Ilhota é considerada um dos principais polos confeccionistas do estado de Santa Catarina. Segundo os empresários contatados, foi através da persistência, trabalho duro e produtos feitos com muita dedicação e qualidade que o pequeno município se destacou economicamente.

O segmento não parou de crescer ao longo dos anos e as expectativas quanto ao crescimento das confecções de Moda Praia e Íntima são bastante favoráveis, segundo a secretaria da Indústria e empresários do município. Todos os anos os empresários da região têm buscado inspiração em diversos locais, seguindo as novas tendências, investindo no desenvolvimento e inovação dos artigos e ampliando a oferta para o mercado nacional e internacional. Esses investimentos buscam contribuir para a elevação da produtividade e da qualidade dos produtos oferecidos.

Em 2017 ocorreu em Ilhota o primeiro festival de compras com duração de cinco dias, onde compareceram diversos visitantes e lojistas, principalmente dos estados do Sul e Sudeste do país. O objetivo é ampliar a feira e divulgá-la mais, como forma de fomentar a economia do município.

Além da Moda Praia e Moda Íntima, os empresários têm apostado em novos segmentos, como pijamas e moda fitness, atividades que têm fortalecido ainda mais a economia municipal. O objetivo é em breve receber também o título de capital da moda fitness em Santa Catarina, assim como possui na Moda Praia e Íntima.

Um problema ainda enfrentado pelo município e que se arrasta desde a instalação das confecções diz respeito à infraestrutura. Quem passa ao longo da rodovia Jorge Lacerda que corta o município, onde está localizado o comércio tanto varejista quanto atacadista, percebe a falta de espaço adequado para receber os clientes. Faltam estacionamentos, sinalização e boas estradas.

Enquanto os lojistas investem em estética no comércio para atrair os turistas que vão às compras, faltam investimentos em infraestrutura. A atual administração da prefeitura reconhece o problema, sendo que algumas obras estão sendo realizadas nesse trecho. A inauguração da ponte que liga o centro de Ilhota às margens da BR 470 ao final de 2016 também tem facilitado o acesso à rede de lojas que recebe muitos turistas que passam pela região. Além disso, essa ligação facilitou o escoamento da produção para o aeroporto de Navegantes.

Uma outra aposta dos empresários é a venda através do e-commerce, pois segundo eles são grandes as perspectivas quanto às vendas online. Quando iniciaram as primeiras confecções no município eram poucas as formas de divulgação, mas com o passar do tempo muitas empresas aderiram a essa forma de comercialização. Existem muitas redes sociais, o que possibilita a propagação e divulgação dos artigos, possibilitando assim ser enviado para todas as regiões do Brasil e exterior.

Filiais das lojas estão sendo abertas também em shoppings atacadistas de Santa Catarina, principalmente em Brusque. Assim a comercialização da produção não fica concentrada em apenas um local, evitando que os lojistas que vão adquirir as peças não precisem se deslocar até o município de Ilhota. Mas essa medida não tem o objetivo de afetar o turismo no município de Ilhota, visto que o foco é manter destaque no comércio do município.

Por meio dessas informações gerais foi possível observar o crescimento do município a partir da expansão do segmento têxtil Moda Praia e Moda Íntima. Hoje os produtos de Ilhota são reconhecidos nacionalmente e internacionalmente, indicando a existência de potencial para crescer e conquistar novos mercados. Isso pode se comprovar nas palavras de um empresário na região: fica até difícil de acreditar que depois de ser demitido de uma empresa de Blumenau, apostei tudo o que tinha nesse segmento, montei minha própria confecção em casa e hoje possuo uma das maiores empresas de Ilhota.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A economia brasileira foi marcada por grandes transformações no final da década de 1980 e ao longo dos anos 1990. O processo de globalização e o crescente fortalecimento das relações entre os países sejam elas políticas e/ou econômicas, culminou na integração do mercado mundial, o que facilitou o comércio de mercadorias entre os países.

A partir desse processo, o Brasil se inseriu no contexto mundial em cenário econômico marcado por políticas protecionistas como forma de fomentar o desenvolvimento da indústria brasileira. Nesse período o país era marcado pelo atraso tecnológico e, portanto, com dificuldades para competir com os produtos estrangeiros. A situação se agravou a partir de 1990, quando as políticas adotadas pelo governo Collor, como forma de inserir o Brasil no contexto mundial através da liberalização comercial, causaram forte impacto sobre as indústrias e a economia nacional. Em um primeiro momento, essa abertura teria como objetivo impulsionar o desenvolvimento das indústrias brasileiras a partir da importação de máquinas e equipamentos mais intensivos em tecnologia, contribuindo assim para o aumento da produtividade e a redução dos custos, visto que as máquinas antigas consumiam muita energia, água e materiais químicos, além de necessitar de mais mão de obra para operar.

Esse processo, mais conhecido como reestruturação produtiva, afetou os diversos setores industriais brasileiros, especialmente o setor têxtil. A partir da redução das alíquotas de importação, se tornava mais barato importar as máquinas e equipamentos para modernizar o parque produtivo, mas ao mesmo tempo, reduziu também as alíquotas de importação dos insumos utilizados para a fabricação, especialmente fios, tecidos e confecções.

O setor têxtil brasileiro presenciou uma retração na década de 1990. Houve redução no número de empresas dos segmentos de fiação, tecelagem e beneficiamento e, como consequência essa redução culminou em aumento da mão de obra desempregada. Esse processo de reestruturação produtiva na qual as indústrias precisaram se inserir, afetou diversas regiões do Brasil que possuem polos de indústria têxteis, como a região do Vale do Itajaí no estado de Santa Catarina, segundo maior polo têxtil brasileiro. Fechamento de fábricas, desverticalização da produção e redução do número de mão de obra empregada foram alguns dos efeitos causados pela reestruturação produtiva nas grandes indústrias de Blumenau e Brusque.

No final da década de 1980 havia se estabelecido no município de Ilhota pequenas confecções do segmento Moda Praia. O que se presenciou ao longo dos anos 1990 no

município foi o crescimento dessas confecções as quais, além de trabalharem no segmento Moda Praia, passaram a investir também na Moda Íntima.

Os trabalhadores do município se viram impulsionados pelas demissões que ocorreram no contexto do setor têxtil e foram atraídos pelos segmentos, que chamavam a atenção dos moradores de Ilhota e região. Resolveram, portanto, investir pequena quantia de capital e utilizar conhecimentos adquiridos nas grandes indústrias têxteis para apostar no segmento específico.

Quem passava pelo município em direção ao litoral, via ao longo da rodovia algumas confecções, que cresciam ano a ano. Sendo assim, outros empresários foram investindo no setor Moda Praia e Moda íntima, abrindo no município fábricas, utilizando-se de mão de obra ociosa e com um nível de conhecimento adquirido nos parques fabris de Brusque e Blumenau. Ao longo da década de 1990 mais empresários entraram no ramo, principalmente por volta do ano de 1994, período em que foi registrado o maior saldo de demissões das empresas têxteis de Blumenau.

Além disso, na década de 1990 foi constatada uma enorme migração da área rural para área urbana do município. Foi nesse período que surgiram e se firmaram as confecções do segmento Moda Praia e Íntima no município.

Através de dados da RAIS foi possível observar o crescente aumento do número de confecções que ocorreu no município de Ilhota a partir do início da década de 1990, gerando mais empregos e renda para a população. Ao mesmo tempo, constatou-se que o ramo de confecções é o segmento que mais emprega no setor secundário do município.

Neste estudo procurou-se também analisar os principais mercados consumidores do segmento, principalmente nos municípios que se localizam próximos a Ilhota e passam pelo município em direção ao litoral catarinense. É realizada também uma análise da balança comercial de Ilhota a partir de dados obtidos no MDIC, que apesar de ser baixa a quantidade em valores exportados pelas confecções de Ilhota, a oportunidade de exportar os artigos contribui para o crescimento e reconhecimento do município.

Foi constatado nas entrevistas que a produção que não é absorvida na região do Vale do Itajaí e estado de Santa Catarina são direcionados para os mercados consumidores de São Paulo e Rio Grande do Sul, além de um pouco através de exportações. Uma sugestão é ampliar para o resto do mercado nacional como a região do Nordeste. Apesar de lá existir um grande polo de Moda Praia, as confecções de Ilhota deveriam divulgar a marca na região, que possui clima quente o ano todo.

O que se presenciou no desenvolvimento do trabalho, especialmente na análise dos dados do município, foi certa limitação de pesquisa. Algumas informações não conseguiram ser obtidas, visto que nenhuma secretaria da administração local, nem órgãos municipais têm informações adequadas sobre a realidade atual do segmento pesquisado. Não há dados sistematizados sobre a produção e nem sobre faturamento. Algumas empresas acabam se recusando em fornecer informações, e, algumas informações junto à prefeitura são respondidas com incerteza, mais parecendo suposições.

O que se espera com esse trabalho é que o mesmo estimule novos estudos acadêmicos sobre o mesmo assunto, já que ao longo das pesquisas bibliográficas não se encontrou nenhum outro trabalho com o mesmo objetivo de analisar a evolução do segmento Moda Praia e Moda Íntima no município, visto sua importância social e econômica para Ilhota, além do reconhecimento estadual e nacional.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Pedro Paulo de Oliveira. **Vozes do garimpo: história e memória da extração de ouro em Ilhota (1986-1992)**. 45 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2008.

ANTONIO, Joana Grazziotin. **A abertura comercial brasileira e o processo de desindustrialização**. 82 f. Monografia - Curso de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

BENTO, Liliani. **Ilhota cresce fabricando lingerie**. Blumenau, 2001.

BNDES. **Análise conjuntural do setor têxtil**. Relatório setorial, n.8, novembro, 1995

CAMPOS, Renato; CÁRIO, Sílvio; NICOLAU, José Antônio. **Arranjo produtivo têxtil-vestuário do Vale do Itajaí/SC**. Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, dezembro de 2000.

CASTRO, Antonio. B. de. “A reestruturação industrial brasileira nos anos 90. Uma interpretação”, **Revista de Economia Política**, v. 21, n. 03, p. 03-26, jul./set. 2001.

CASTRO, Lavinia, B. **Privatização, abertura e desindexação: a primeira metade dos anos 90: In GIAMBIAGI, Fábio et al. Economia Brasileira contemporânea (1995-2004)** Rio de Janeiro: Elsevier, 2005

COIROLO, Tales D. **A rede sociotécnica da moda íntima e moda praia de Ilhota (SC)** 2012, 184 f. Dissertação. Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Regional, Universidade Regional de Blumenau.

CUNHA, I.J. **O salto da indústria catarinense: um exemplo para o Brasil**. Florianópolis: Paralelo 27, 1992.

DEDECCA, Claudio, S. **Reorganização econômica, absorção de mão de obra e qualificação**. Revista de Economia Política, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 59-78, 2002.

DIEESE. **Reestruturação produtiva e emprego na indústria de Santa Catarina**. Florianópolis; DIEESE, Janeiro 1996.

FERNANDES, Suzana. C. **Abertura comercial: um estudo sobre o processo brasileiro de liberalização**. Revista Paraná, Curitiba, n.92, p. 73-91, set/dez 1997.

FIESC, Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina. **Santa Catarina em Dados**. Florianópolis, 2014. Disponível em:  
<[http://www2.fiescnet.com.br/web/pt/site\\_topo/pei/produtos/show/id/46](http://www2.fiescnet.com.br/web/pt/site_topo/pei/produtos/show/id/46)> Acesso em: 10 de outubro de 2017.

GERHARDT, Tatiana. E; SILVEIRA, Denise. T. orgs. **Métodos de pesquisa**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 1 edição, 2009

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1989.

GOMES, Maria, T. S. **Debate sobre a reestruturação produtiva no Brasil**. RA'EGA, Curitiba, p.51-77. 2011

GORINI, Ana P. “**Panorama do setor têxtil no Brasil e no mundo: reestruturação e perspectivas**”. In: BNDES Setorial, Rio de Janeiro, n° 12, p. 17-50, setembro de 2000.

GORINI, Ana P.; SIQUEIRA, Sandra H. G. **Tecelagem e malharia**. Setor têxtil BNDES – janeiro de 1998.

\_\_\_\_\_. **Complexo Têxtil Brasileiro**. In: BNDES, Rio de Janeiro. 2000.

GOULARTI FILHO, A. **Formação econômica de Santa Catarina**. 2. ed. rev. Florianópolis: editora da UFSC, 2007.

GUESSER, Graciely. **Ilhota é considerada capital catarinense da moda íntima. Conheça as estratégias que transformaram a cidade em referência**. Blumenau, 2008.

HERING, Maria Luiza Renaux. **Colonização e Industrialização no Vale do Itajaí: o modelo catarinense de desenvolvimento**. Blumenau, SC: Editora da FURB, 1987.

IBGE. Cidades **Ilhota SC**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/ilhota/panorama>. Acessado em: vários acessos.

JINKINGS, Isabella. **Reestruturação produtiva e emprego na indústria têxtil catarinense**. 2002. 120 f. Dissertação. Programa de pós graduação em Sociologia Política, Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.

JORNAL CRUZEIRO DO VALE. **Ilhota 56 anos**. Edição comemorativa. Gaspar, Junho/2014. Disponível em: < [https://issuu.com/jornalcruzeirodovale/docs/ilhota\\_26\\_anos](https://issuu.com/jornalcruzeirodovale/docs/ilhota_26_anos)> Acesso em: 21 de outubro de 2017

KON, A.; COAN, D. C. **Transformações da indústria têxtil brasileira: a transição para a modernização**. Revista de Economia Mackenzie, São Paulo, v. 3, n. 3, p. 11-34, 2005.

KROST, O. ; BRANDÃO, L. **A precarização das condições de trabalho em 'facções' do ramo têxtil/vestuário em Blumenau/SC: a face oculta da reestruturação produtiva**. Desenvolvimento Regional em debate , v. 7, p. 1-17, 2017.

LAGES, André M. G. **Concorrência, globalização e desenvolvimento: elementos para discussão à luz da experiência brasileira**. Texto para discussão n°426. Rio de Janeiro: UFRJ/IE, 1998.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

Leite, J. C. **Terceirização em informática**. Escola de Administração de Empresas de São Paulo – FGV, São Paulo, 1994.

LINS, Hoyêdo Nunes. **Reestruturação industrial em Santa Catarina: pequenas e médias empresas têxteis e vestuaristas catarinenses perante os desafios dos anos 90.** Florianópolis: Editora da UFSC, 2000.

\_\_\_\_\_. **Marco Regulatório, Reestruturação Produtiva e Competitividade de Pequenas e Médias Empresas do Complexo Têxtil-Vestuário.** Florianópolis, 1998.

LINS, Hoyêdo Nunes; MATTEI, Lauro. Liberalização econômica e reestruturação produtiva: reflexos em Santa Catarina no limiar do novo século In: LINS, Hoyêdo Nunes; MATTEI, Lauro (orgs.). **A socioeconomia catarinense: cenários e perspectivas no início do século XXI.** Chapecó: Argos, 2010. p. 109- 155.

LOMBARDI, Laci; LINS, Hoyêdo Nunes. Indústria Têxtil de Blumenau – Santa Catarina: **Trajatória, crise e reestruturação.** In: PEREIRA, L. B.; CÁRIO, S. A. F.; KOEHLER, Márcio. Padrão produtivo e dinâmica econômica competitiva: estudo sobre setores selecionados em Santa Catarina. Florianópolis, 2001.

LOMBARDI, L. **Indústria têxtil de Blumenau: consolidação, crise e reestruturação.** 2001. 184 f. Dissertação (mestrado em economia) – Centro Sócio-Econômico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

LOMBARDI, Laci. **Os reflexos da reestruturação no distrito industrial têxtil de Blumenau.** 133 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Regional, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2007.

LUCLKTENBERG, Isabela A. B. **A indústria têxtil catarinense e o caso da cia. Hering.** 2004. 257 f. Dissertação - Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

MACHADO, Lucas de Medeiros. **Estratégias de crescimento no setor têxtil catarinense: o caso da Cia Hering S.A.** 91 f. Monografia - Curso de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

MAMIGONIAN, Armen. Estudo geográfico das indústrias de Blumenau. **Revista Brasileira de Geografia**, v. 27, n. 3, p. 389-481, jul.-set. 1965

MASSUDA, Ely. M. **Transformações recentes da indústria têxtil brasileira (1992-1999).** Maringá. v. 24, n.1, p. 243-251, 2002.

\_\_\_\_\_. **A indústria têxtil brasileira sob o impacto da abertura econômica 1992 – 1999.** Maringá. v. 28, n.1, p. 121-129, 2006.

METTE, Ana Luiza; SOUZA, Elaine Cristina de. **Ilhota o Encanto dos Belgas no Vale do Grande Rio.** Blumenau: nova letra, 2009.

MDIC, Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. **Balança Comercial Brasileira.** 2000-2016. Disponível em: < <http://www.mdic.gov.br/comercio-exterior/estatisticas-de-comercio-exterior/balanca-comercial-brasileira-municipios>> Acesso em: 22 de outubro de 2017.

MONTEIRO FILHA, Dulce C. ; CORRÊA, Abidack. **BNDES 50 Anos - Histórias Setoriais: O completo têxtil.** Dezembro de 2002.

NECAT, Núcleo de Estudos de Economia Catarinense. **Indicadores Populacionais de Santa Catarina.** 1991; 2000; 2010. Disponível em: <<http://necat.ufsc.br/indicadores-populacao-de-sc/>> Acesso em: 25 de setembro de 2017.

PAVÃO, A. R. & CAMPOS, S. K. **Impactos sobre a economia brasileira ocasionados pela abertura comercial ocorrida na década de 90 nos setores têxteis e de artigos de vestuário: uma análise de equilíbrio geral.** Revista de Economia, v. 36, n. 2, p. 45-70, maio/ago 2010.

PIMENTEL, Rodrigo Viana. **Uma análise da competitividade da bananicultura em Santa Catarina.** 54 f. Monografia - Curso de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

PRADO, Luiz, C. D. **Globalização: notas sobre um conceito controverso.** IE-UFRJ, 2003.

**PREFEITURA MUNICIPAL DE ILHOTA.** Disponível em: <<http://www.ilhota.sc.gov.br>>. Acesso em: vários acessos.

RAIS. **Relação Anual de Informações Sociais.** Ministério do Trabalho e do Emprego – MTE. 1995; 2000; 2005; 2010; 2015. Disponível em: <<http://bi.mte.gov.br/bgcaged/login.php>> Acesso em: 14 de outubro de 2017.

RAULINO, Ivo. **Crise e reestruturação produtiva na grande empresa têxtil do médio vale do itajaí.** 168 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós Graduação em Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

RIGON, Maristela Beiler. **No caminho do litoral uma cidade produtora de moda praia.** FURB, 2002

SANTOS, Artur, T. **Abertura comercial na década de 1990 e os impactos na indústria automobilística.** Belo Horizonte. v. 8, n.16, p. 107-129, 2009 .

SANTOS, Viviane dos; SOUZA, Elaine Cristina de. **Movidos pela esperança: A história centenária de Ilhota.** Ilhota: S&T Editores, 2006.

SARAIVA, L. A. S.; PIMENTA, S. M.; CORRÊA, M. L. **Globalização e reestruturação produtiva: desafios à indústria têxtil brasileira.** Revista de Administração, v. 40, n. 1, p. 68-82, 2005.

SEBRAE-SC. Santa Catarina em Números. Ilhota. Santa Catarina. Florianópolis, 2010. Disponível em: [https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/sc/quem\\_somos/santa-catarina-em-numeros,2fedd49dc3246410VgnVCM2000003c74010aRCRD](https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/sc/quem_somos/santa-catarina-em-numeros,2fedd49dc3246410VgnVCM2000003c74010aRCRD). Acesso em: vários acessos.

SEF, Secretária de Estado da Fazenda Governo de Santa Catarina. **Valor Adicionado por Município e Atividade.** 2015. Disponível em: <[http://www.sef.sc.gov.br/servicos/servico/92/Valor\\_adicionado\\_por\\_munic%C3%ADpio\\_e\\_atividade](http://www.sef.sc.gov.br/servicos/servico/92/Valor_adicionado_por_munic%C3%ADpio_e_atividade)> Acesso em: 25 de outubro de 2017.

SIEBERT, Claudia A. F. **Indústria e Estado: a reestruturação produtiva e o reordenamento territorial do médio vale do itajaí.** 2006. 231 f. Tese de doutorado - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SILVA, Priscila K. **Efeitos da abertura comercial sobre a distribuição geográfica da indústria têxtil-vestuarista catarinense a partir dos anos 90.** Monografia, 84 f. Curso de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

SILVA, Valdir A. **A formação do mercado socialmente elaborado nos sistemas de centros comerciais no Vale do Itajaí.** 236 f. Dissertação - Centro de Ciências Humanas e da Comunicação, Universidade Regional de Blumenau, 2003.

SINTEX – Sindicato das indústrias de Fiação, Tecelagem e do Vestuário de Blumenau. Disponível em: [www.sintex.org.br](http://www.sintex.org.br). Acessado em setembro de 2017.

SULZBACH, Mayra. T. **Algumas considerações sobre o impacto da abertura comercial nos setores têxtil e vestuário brasileiros, com ênfase no caso de Santa Catarina.** Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1998.